

Tiragem  
300 exemplares

Capa  
Guilherme Massuia

Organização  
Dallmer P R de Assis

Diagramação Eletrônica  
Eden Gráfica

Realização  
1ª Igreja Presbiteriana Independente de São José do Rio Preto  
Presbitério Rio Preto

É proibida a distribuição deste material sem a autorização do Presbitério Rio Preto e do Conselho da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São José do Rio Preto.

São José do Rio Preto  
Junho de 2008

## **APRESENTAÇÃO**

O presente caderno é fruto do II Simpósio de Educação Cristã organizado pelo Presbitério Rio Preto em parceria com a 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São José do Rio Preto. Assim como aconteceu no ano passado, por ocasião do I Simpósio de Educação Cristã, fazemos agora, quando apresentamos à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e à toda comunidade cristã da região o Caderno do II Simpósio de Educação Cristã “ESCOLA DOMINICAL: TRADIÇÃO E PÓS-MODERNIDADE”.

O que apresentamos a seguir é uma série de artigos relacionados ao tema da Escola Bíblica Dominical, desde uma exaustiva pesquisa de sua história, até apresentação de novos rumos e diferentes percepções para o século XXI. Os temas foram devidamente abrangidos com oito artigos incluindo: todas as faixas etárias, currículo para Escola Dominical, música na Escola Dominical, bíblia, história e pós-modernidade.

Entregamos esse caderno à comunidade cristã na expectativa de ser útil para presentes e futuras reflexões sobre a Escola Bíblica Dominical. Nosso sincero agradecimento a todos que participaram do Simpósio, dos que contribuíram ao escrever para esse caderno, à Comissão Executiva do Presbitério Rio Preto e ao Conselho da 1ª Igreja Presbiteriana Independente.

**Rev. Dallmer P R de Assis**  
Organizador

## SUMÁRIO

### **CRIANÇA, FÉ E CULTO NA BÍBLIA**

Odete Líber de A. Adriano

### **PASSADO E PRESENTE DA ESCOLA DOMINICAL: DESAFIOS E PERCEPÇÕES**

Adilson de Souza Filho

### **ESCOLA DOMINICAL NA IPB: HISTÓRIA E DESAFIOS**

Gustavo de Brito

### **HÁ CURRÍCULO POSSÍVEL PARA ESCOLA DOMINICAL?**

Adilson de Souza Filho

### **ESCOLA DOMINICAL: QUEBRA DE PARADIGMA HISTÓRICO**

Silas de Oliveira

### **LEIS, INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO**

Dallmer Palmeira Rodrigues de Assis

### **A LEI DE ZONEAMENTO EDUCACIONAL**

Evandro Luís Moreira

### **A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA DE REVITALIZAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL**

Gilbean Francis Aguiar Ferraz

## **CRIANÇA, FÉ E CULTO NA BÍBLIA**

O contexto sócio-cultural e religioso do mundo bíblico apresenta características peculiares quando se fala sobre crianças. As crianças da Bíblia são filhos e filhas de um povo que tem uma história, sobretudo a história da fé num Deus que atua na história. Elas são também consideradas bênçãos, dádivas concedidas por Deus, herança do Senhor (Salmos 127; 128:3-6). Meninos e meninas significam a continuidade do povo israelita, pois para o Antigo Testamento multiplicar-se é uma ordem da criação (Gênesis 1:28). Não ter filhos era um grande pesar e um vexame religioso (Gênesis 15:2; I Samuel 1:2). Nos filhos, ou seja, na sua descendência, um homem vive. Nisto está uma forte afirmação da vida e a alta estima dos descendentes está ancorada na fé em Deus<sup>1</sup>.

Nas comemorações rituais, festas e ofertas da família os israelitas relembavam os eventos significativos de sua história e as crianças estavam sempre presentes nestas comemorações, sendo, assim, nutridas na prática da sua religião. Mais tarde, a sinagoga combinava culto/adoração e educação nos cultos públicos, com o propósito de ensinar. O ensino da estrutura do culto ainda era centralizado no lar e os pais adaptavam o ensino da *Torá* (Lei) à capacidade da criança de recebê-lo. No Novo Testamento, a criança tinha também lugar no plano salvador de Deus. Nos cultos, as crianças se faziam presentes acompanhando seus pais ou até mesmo nos braços de suas mães.

Os israelitas receberam instruções específicas sobre o culto e a participação das crianças nas celebrações. A prática do culto foi diversificada ao longo dos muitos anos da história bíblica, já que ela envolve tribos nômades, comunidades estabelecidas na terra e o exílio, ou seja, descreve a história de um povo que esteve face a face com as mais variadas situações. O surgimento da sinagoga trouxe também mudanças significativas, mas os princípios que subjazem ao culto permaneceram marcadamente os mesmos. É necessário, portanto, conhecer alguns dos princípios da vida hebraica<sup>2</sup>, pois nascer num lar hebreu tornava as crianças aprendizes do culto.

### **1. Participação das crianças nas celebrações do Antigo Testamento**

No Antigo Testamento, o lar era o centro do culto e os pais eram os primeiros instrutores das crianças. Elas aprendiam ao estar presente e participar do culto. Questões e respostas eram construídas na celebração - tal instrução era parte

---

<sup>1</sup> Ora, o israelita morre, mas Israel continua. Por essa razão, para que a morte não signifique uma ruptura total das relações entre Israel e os que morrem, importa que estes tenham descendência. Morrer sem ter filhos é uma grande desgraça e um sinal de reprovação de Deus. Aquele que morre sem filhos representa uma família arrancada do mundo dos vivos: o israelita forma uma unidade com a sua família de hoje e de amanhã, um corpo com os seus antepassados e descendentes (Deuteronômio 25.5-10). Cf. A. OEPKE, *paidion*, p. 645.

<sup>2</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshipping Community*, p. 48.

do ritual (Êxodo 12.26; 13.8). Ensinar às crianças que Deus é Senhor e que o amor total a Ele é uma resposta apropriada ao seu amor, é educar no culto. Esta educação devia permear suas vidas em casa e fora de casa, de manhã e à noite<sup>3</sup>. O reconhecimento do único Deus e o mandamento para amá-Lo era uma lição ensinada e expressada nos rituais de culto durante todo o dia:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. (Deuteronômio 6:4-9)

A oração era parte natural da vida diária. As estações, as colheitas, a noite e o dia eram apresentadas como obras do Criador. Contar histórias, conversas e as atividades diárias lembravam os atos e mandamentos de Deus. Além disso, um dia da semana unia os hebreus no culto e aprendizado. Este dia, o Sábado, era uma lembrança recorrente do Criador, que descansou no sétimo dia. Era também um sinal de relação especial de Israel com Deus, reforçado por ações concretas e símbolos abundantes. Guardar o Sábado envolvia toda a família, que compartilhava uma refeição especial depois do pôr do sol da sexta-feira. Os pais abençoavam seus filhos. Dois pães eram colocados numa toalha limpa em memória do maná no deserto e nenhum trabalho deveria ser feito.

O sábado era uma experiência de culto e um dia de lembrar “porquê” adoravam e a quem adoravam<sup>4</sup>. O culto estava enraizado na comunidade da aliança. Os pais aceitavam o mandato de adorar e ensinar, porque faziam parte da comunidade da aliança. Embora as crianças fossem da responsabilidade dos pais, elas eram responsabilidade da família da aliança maior. Nascer entre os hebreus era ser parte de um povo que foi criado pelos atos graciosos de Deus e unido numa relação íntima com Ele. Cada criança, sem consideração de sexo, recebia as promessas, a história e as leis que faziam delas um povo especial. A purificação e dedicação que ocorria por ocasião do nascimento de uma criança eram rituais que indicam sua pertença à comunidade<sup>5</sup>.

As crianças cresciam no meio do povo, participando do culto, das festas, enfim dos rituais religiosos e celebrativos. Elas participavam do culto como adoradoras e como aprendizes. As atividades de casa e os festivais procuravam criar curiosidade. Ações e objetos e não palavras ou idéias levavam a criança a fazer perguntas. A educação sobre o culto não precedia o culto, mas tinha lugar no culto<sup>6</sup>, num envolvimento que tinha profundo significado de manutenção da memória e que se evidenciava na formação religiosa deste povo. Para os israelitas, preservar a memória significava preservar a própria vida. Eles tinham consciência do significado e valor dos

---

<sup>3</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 49.

<sup>4</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 49.

<sup>5</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 49-50.

<sup>6</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 51.

eventos salvíficos que marcaram a história de seu povo e que deveriam ser transmitidos às crianças. Nesta lembrança, cada geração renovava na fé a compreensão de si mesma<sup>7</sup>.

Tão logo uma criança aprendia a falar, tinha de decorar o primeiro trecho do *Shema* e a frase: Moisés nos prescreveu a lei por herança da congregação de Jacó (Deuteronômio 33:4). Conforme as determinações deuteronômicas, cada sete anos todo o povo: ‘os homens, as mulheres, os meninos’ tinham de se reunir para uma leitura pública da Torá, ‘para que ouçam e aprendam, e temam ao Senhor vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei; para que seus filhos, que não a souberam, ouçam, e aprendam a temer ao Senhor’ (...) (Deuteronômio 31:10-13)<sup>8</sup>.

Elas também não ficavam separadas, aprendiam juntamente com seus pais, em família. Eram crianças que faziam parte da história e aprendiam sua história, a história de seu povo, pois participavam da vida cultural em família e nas reuniões semanais da sinagoga<sup>9</sup>. E sobre Deus elas não aprendiam definições abstratas, mas sim coisas concretas, carregadas de lembranças, de história, de vida e calor, como, por exemplo, o Deus que é louvado e celebrado no Salmo 145:1-7:

Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei; bendirei o teu nome para todo o sempre. Todos os dias te bendirei e louvarei o teu nome para todo o sempre. Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável. Uma geração louvará a outra geração as tuas obras e anunciará os teus poderosos feitos. Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade e nas tuas maravilhas. Falar-se-á do poder dos teus feitos tremendos, e contarei a tua grandeza. Divulgarão a memória de tua muita bondade e com júbilo celebrarão a tua justiça.

As crianças também conheciam a mais antiga história de Israel, que era a promessa da terra feita por Deus a Abraão e seus descendentes (Gênesis 12 e 15), a qual foi retomada na primeira aparição de Moisés<sup>10</sup>. Elas eram, assim, educadas segundo a pedagogia do Salmo 78:1-7<sup>11</sup>:

Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca. Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do Senhor, e o seu poder, e as maravilhas que fez. Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais

---

<sup>7</sup> Gerhard VON RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 300-301.

<sup>8</sup> Hans R. WEBER, *Jesus e as crianças*, p. 40.

<sup>9</sup> Reginaldo VELOSO, *Os filhos dos hebreus*, p. 16-19.

<sup>10</sup> Reginaldo VELOSO, *Os filhos dos hebreus*, p. 20-21.

<sup>11</sup> Reginaldo VELOSO, *Os filhos dos hebreus*, p. 16.

que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda não haviam nascido se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas Lhe observassem os mandamentos.

Os pais conversavam e também instruíam as crianças sobre os rituais e símbolos religiosos, os quais as ajudavam a entender a história de seu povo. Elas estavam presentes nas ofertas das famílias (I Samuel 1:4), sendo, assim, nutridas na prática da religião.

Elas recebiam também instrução planejada complementar, a qual, numa primeira instância, era uma instrução nos fundamentos históricos da religião de Javé (Deuteronômio 4:9), nas exigências de Javé (Deuteronômio 11:10) e, finalmente, na sabedoria prática religiosa e moral (Provérbios 4:1ss.).<sup>12</sup>

As crianças eram valorizadas e deveriam ser instruídas e disciplinadas no temor do Senhor, começando em casa. O culto, através da lembrança, conduzia à obediência no presente. Aprendendo e participando na vida da comunidade, conheciam e amavam a Deus. Reconhecer e amar a Deus expressava-se no amor ao próximo: “Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão; nem tomarás em penhor a roupa da viúva.” (Deuteronômio 24:17) Uma vida de culto era uma vida de conduta ética e a celebração da história dos atos salvadores de Deus não deixava de lado a questão social.

Crianças criadas num ambiente em que as coisas são permanentemente recordadas, educadas nesta escola de fé e esperança, acostumadas desde pequenas a escutar os profetas e recitar os Salmos, sentindo-se participantes da história de Deus, elas permaneceriam nesta fé e na comunidade<sup>13</sup>. Nesse sentido, aprendiam três coisas importantes de seus pais<sup>14</sup>:

- Deus é um Deus sensível e atento ao sofrimento humano;
- Deus está efetivamente comprometido com a libertação humana;
- Deus promete ao ser humano uma vida feliz, numa terra nova.

## 2. Conhecimento e prática da *Torá*

No judaísmo, especialmente depois da destruição do templo, ocorreu uma mudança de ênfase do culto para o conhecimento e prática da *Torá*, envolvendo uma diferenciação maior entre meninos e meninas. Somente o homem é obrigado a guardar a *Torá* em sua totalidade e, assim, justifica-se que somente ele pode aprendê-la. Na puberdade um menino judeu fazia o *Bar Mitzvah*, como Jesus, que aos doze anos foi ao templo (Lucas 2:41-52), mas sua instrução e prática começava muito antes. Joshua b. Gamla ordenou que deveria haver mestres em toda província e cidade e que os meninos da idade de 6 e 7 anos deveriam ser levados a eles. Isto era, entretanto, uma provisão

<sup>12</sup> Reginaldo VELOSO, *Os filhos dos hebreus*, 23.

<sup>13</sup> Reginaldo VELOSO, *Os filhos dos hebreus*, p. 16-17.

<sup>14</sup> A. OEPKE, *paidion*, p. 647.

de emergência, porque a educação religiosa dada pelos pais estava se tornando deficitária. Esta educação durava, normalmente, treze anos, de modo que ela começava bem cedo, e suas exigências e a escrupulosidade na observância legal requeridas, deixam claro que a criança pertencia desde o seu nascimento à comunidade<sup>15</sup>.

A sinagoga combinava culto/adoração e educação nos cultos públicos. O propósito da sinagoga era ensinar. Quando completavam três anos, as crianças começavam a memorizar partes da *Torá*, primeiramente as bênçãos, de modo que elas pudessem contribuir com o culto em casa. Mais tarde, os meninos deveriam participar das três festas que ocorriam anualmente em Jerusalém. Mesmo quando ainda menor, um menino podia ler a *Torá* e interpretá-la na sinagoga. Na idade de quatro anos, as crianças acompanhavam os pais à sinagoga. O ensino da estrutura do culto ainda era centralizado no lar, com os pais adaptando a *Torá* à capacidade da criança de recebê-la. Assim, a instrução na reunião pública era acrescentada à educação no lar e o sábado tornou-se um tempo para a comunidade e a família reunirem-se. Adultos e crianças aprendiam juntos<sup>16</sup>.

### **3. O conhecimento do Criador e sua relação com a vida**

Jesus adota a crença do Antigo Testamento em Deus, o conhecimento do Criador e sua relação com a existência humana como ensina o Antigo Testamento. Assim, Ele santifica o amor aos pais (Mateus 5:36) e faz uma alta avaliação da criança, a qual, por aquele tempo, não era estimada entre o seu povo (Mateus 18:2; Marcos 10:13-16). Jesus se refere ao fato de que as crianças são modestas quando comparadas com os adultos (Mateus 18:2; 19:3ss) e sua imaturidade e necessidade de assistência deixa aberto o caminho para o amor paternal de Deus<sup>17</sup>.

A comunidade cristã que nos transmitiu as narrativas de infância e o relato da bênção das crianças por Jesus também compreendia de forma orgânica a inter-relação entre as gerações. A criança tem lugar no plano salvador de Deus e a atitude de Jesus para com elas pode ser explicada deste ponto de vista. Apesar de que não eram contadas como membros da comunidade, elas participavam dos eventos cruciais da vida da comunidade (Atos 21:5) e, pelo menos, quando alcançavam os anos de discernimento, estavam presentes nos seus cultos (Atos 20:9.12; Colossenses 3:20; Efésios 6:1-3). As cartas pastorais falam da fé e conduta que os filhos e filhas dos líderes na comunidade deveriam ter (I Timóteo 3:4; 5:4; Tito 1:6)<sup>18</sup>.

Na tradição bíblica, portanto, a relação da criança com a religião é muito íntima. No culto israelita, adultos e crianças enriqueciam um ao outro. Qualquer pessoa que ensina aprende. A fé da aliança requeria dos pais explicar os rituais do culto como eles ocorriam. Era a re-educação adulta na sua forma

---

<sup>15</sup> A. OEPKE, *paidion*, p. 648.

<sup>16</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshipping Community*, p. 52.

<sup>17</sup> A. OEPKE, *paidion*, p. 649.

<sup>18</sup> A. OEPKE, *paidion*, p. 650.



mais prática. Um ritual que deveria ser constantemente reinterpretado não poderia ser sem sentido e, como os pais contavam a história aos filhos e filhas, ele era renovado em sua vida bem como na vida da criança<sup>19</sup>.

A exigência de adorar parece ter sido um questionamento tanto da criança quanto do pai para uma adoração com entendimento. Nesta experiência o pai educava a criança e a criança fortalecia o pai. Neste culto, no qual era central o Deus da história de sua comunidade e o Senhor que agia diariamente, o aprender era essencial e os relacionamentos eram desenvolvidos. A criança construía sua identidade e a conduta que expressava aquela identidade.<sup>20</sup>

### Referências bibliográficas

OEPKE, A. *paidion*. In: *Theological Dictionary of the New Testament* 5. Gerhard Friedrich (ed.). Grand Rapids: W.M.B.E., 1967.

NG, David, THOMAS, Virginia. *Children in the Worshiping Community*. Atlanta: John Knox, 1981.

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. v. 2. São Paulo: ASTE, 1974.

WEBER, Hans R. *Jesus e as crianças: subsídios bíblicos para estudo e pregação*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

VELOSO, Reginaldo. *Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982.

**Odete Líber de A. Adriano**

Professora no Seminário Teológico “Rev. Antonio de Godoy Sobrinho”  
Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo

---

<sup>19</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 51.

<sup>20</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 51.

## **PASSADO E PRESENTE DA ESCOLA DOMINICAL: DESAFIOS E PERCEPÇÕES**

### **Introdução**

O estudo sobre a prática religiosa pode ser realizado a partir de vários instrumentos de análise das ciências humanas, tais como: filosofia, sociologia, psicologia, hermenêutica, lingüística e até mesmo a estatística. Esses instrumentos são, deveras, indispensáveis para se analisar a prática religiosa, principalmente, quando se estabelece o conceito de “educação religiosa - cristã” - como objeto de análise.

Difícilmente pode ser negada a afirmação de que o conceito de educação cristã tenha sido proeminentemente desenvolvido a partir da Reforma Protestante. Antes, porém, faço diferença entre educação cristã e teologia. Penso que o termo educação cristã se aplica ao conceito popular de reprodução de modelo/símbolo. Já a teologia é instrução nobre, para grupos menores, em geral, responsáveis pela reprodução da ideologia institucional. Para melhor explicitar esta afirmação, é preciso fazer alguns recortes na história do cristianismo.

O primeiro momento é o da Igreja primitiva perdurando até 324 - período da constantinização do cristianismo. Esse foi o período da igreja do cativo, das igrejas lares e domésticas; mas também, foi um período fértil da teologia cristã. Grandes nomes - os padres da Igreja - se destacam neste período: Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Justino, Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio de Cesaréia, Atanásio e Agostinho de Hipona<sup>21</sup>. Talvez este seja o período mais fértil e também mais controverso de toda a história do cristianismo. Neste recorte de 300 anos acontece uma chuva de textos apócrifos, gnósticos, heresias e ainda uma grande variedade de cópias dos evangelhos e das cartas apostólicas, sobretudo paulinas.

O segundo momento é o da Igreja Oficial que será marcado pelos Concílios e suas formulações dogmáticas bem como pelo cristianismo guerreiro (cruzadas): 325-1390 (Idade Média). Esse período marcará o surgimento de um cristianismo popular, por conta de sua propagação muito rápida pelo mundo. Um elemento ideológico que será norteador neste período e que marcará toda a história do cristianismo romano é o da veneração dos mártires e das relíquias, estendendo-se à prática de peregrinações. Esse período de popularização do cristianismo será também a fase da conversão de milhares de pagãos à fé cristã<sup>22</sup>. Vale dizer que logo após o final da Idade Média, surgirá, o movimento da Renascença. Este movimento, apesar de ser de cunho intelectual, florescerá um novo momento na história do cristianismo, servindo de berço para os pré-reformadores e os próprios reformadores.

---

<sup>21</sup> ALTANER, B. & STUIBER, A. *Patrologia*. São Paulo, Paulinas, 1972, pp.55-89

<sup>22</sup> WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. São Paulo, ASTE, 1967, pp.218.235

O terceiro momento é o da Reforma Protestante em 1517. Este realmente caracteriza um novo momento na história do cristianismo. Com a expressão *Sola Scriptura*, forjada por Lutero, o cristianismo vivenciará um novo tempo. Ouso dizer que é neste ponto que se torna possível falar em educação cristã. Pois até então, a catequese religiosa cristã trazia como fundo apenas noções de moral, liturgia e hierarquia eclesiástica. Contudo, a proeminência do conceito de educação cristã se dará em Genebra, com João Calvino.

Em Genebra Calvino intentou fazer uma comunidade modelo e que deveria influenciar toda a Europa, Ocidente e o resto do mundo. Em Genebra, Calvino criou escolas profissionalizantes, hospitais, asilos, além de estabelecer fortemente os conceitos de moral e cidadania. Por meio das Ordenanças Eclesiásticas, Calvino conseguiu fazer com que o governo da cidade, exercido pelo Consistório, obrigasse todo cidadão genebrino a freqüentar aos domingos os cultos. Havia sentinelas que saíam de casa em casa, obrigando o povo ir para a igreja. Na cabeça de Calvino estava o ideal de politizar todo o povo, negando-lhe o ócio e a vadiagem. É neste período que Calvino desenvolveu a ética do trabalho, que bem mais tarde seria duramente criticada por Max Weber em sua obra: “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Esse novo modelo de cristianismo se expandirá em toda a Europa, sobretudo, Escócia, Alemanha, Holanda e Inglaterra.

É a partir destes três recortes históricos que acredito ser possível fazer uma análise do conceito de educação cristã. Apesar de dizer que somente a partir da Reforma Protestante é que surgirá a educação cristã como prática popular; considero importantes os recortes anteriores, pois, servirão como objeto da análise comparativa que pretendo fazer sobre o fenômeno religioso. Já de antemão, quero antecipar que muitos dos problemas e traumas de que estamos passando na atualidade sobre a educação cristã e por extensão a própria Escola Dominical, tem sua origem na própria Genebra de Calvino, ou, se preferirmos, no protótipo berço da Reforma Protestante.

## **1. Passado e presente da Escola Dominical**

Antes de fazer um breve resumo do passado da Escola Dominical, quero rememorar um símbolo forte e designativo da cultura patriarcal do Antigo Testamento, quanto ao conceito de ensino religioso. No livro do Gênesis, logo após o relato da aliança firmada entre Deus e Abraão, menciona-se o ato da circuncisão, ou seja, a iniciação da criança no pacto da graça. Considero esta passagem extremamente pedagógica, pois, o ritual da circuncisão tornou-se posteriormente um ícone, um símbolo forte e impregnado na cultura hebréia e em seguida na cultura israelita.

Outro destaque que faço, sendo também pedagógico é o da instituição da páscoa, conforme descrita em Êxodo 12, sobretudo os versos 26 e 27 que dizem: “*Quando os seus filhos perguntarem: “O que quer dizer essa cerimônia?”*”, *vocês responderão: “É o sacrifício da Páscoa em honra do SENHOR Deus, pois no Egito ele passou pelas casas dos israelitas e não parou. O SENHOR matou os egípcios, mas não matou as nossas famílias.”*

*Então os israelitas se ajoelharam e adoraram a Deus, o SENHOR*<sup>23</sup>. O elemento pedagógico aqui aponta para o diálogo entre mestre e discípulo, e, portanto, ressignificando e reproduzindo o mito religioso. Ainda em Êxodo, no capítulo 13, sobre o relato da consagração dos primogênitos, repete-se o elemento pedagógico ao dizer: “*Nesse dia vocês contarão aos seus filhos que estão fazendo isso por causa daquilo que o SENHOR fez por vocês quando saíram do Egito. “Essa festa será como um sinal para vocês, como se fosse uma coisa amarrada na mão ou na testa, e os ajudará a lembrarem de recitar e de estudar a lei de Deus, o SENHOR; pois com grande poder ele os tirou do Egito”*, 8.9.

Outro exemplo de referência pedagógica aponta para o tempo da reforma Josiânica, realizada no templo. O motivo da reforma litúrgica que seguiu a reforma do templo foi exatamente a descoberta do livro da lei que, possivelmente seja uma cópia das leis contidas no código deuteronomico. A reforma de Josias sugere o retorno ao princípio dos propósitos de Deus para seu povo contido na Palavra escrita. O detalhe didático desta reforma se mostra no momento em que o rei Josias reúne todo o povo de Deus, incluindo as crianças: II Reis 23:1-2: “*Então, deu ordem o rei, e todos os anciãos de Judá e de Jerusalém se ajuntaram a ele. O rei subiu à Casa do SENHOR, e com ele todos os homens de Judá, todos os moradores de Jerusalém, os sacerdotes, os profetas e todo o povo, desde o menor até ao maior; e leu diante deles todas as palavras do Livro da Aliança que fora encontrado na Casa do SENHOR.*” Cito ainda uma última referência bíblica onde se destaca o elemento pedagógico contido em Josué 8:30-35: “*Então, Josué edificou um altar ao SENHOR, Deus de Israel, no monte Ebal. Palavra nenhuma houve, de tudo o que Moisés ordenara, que Josué não lesse para toda a congregação de Israel, e para as mulheres, e os meninos, e os estrangeiros que andavam no meio deles*”. Neste texto também temos a presença de crianças, reforçando assim o que venho destacando como elemento pedagógico de ensino.

Outro elemento pedagógico que considero digno de destaque é o surgimento das sinagogas. Foi no período do Exílio e em decorrência da destruição do Templo de Jerusalém, tornando impossível a adoração a Javé, que surgiu a sinagoga, sendo lugar de oração e instrução nas Escrituras<sup>24</sup>. A sinagoga representa uma reforma litúrgica na cultura judaica, pois, sem o Templo e o altar, o povo judeu deixou de realizar os sacrifícios de animais, ressignificando sua teologia da aliança a partir das orações e da meditação na *torah*. A base da sinagoga ficou estabelecida sob um tríptico propósito: adoração, educação e governo da vida civil. O chefe da sinagoga era o ancião, que exercia função educativa e administrativa, incluindo até mesmo flagelação sobre os insubmissos. O destaque pedagógico que faço é o de que a sinagoga trazia como elemento educacional o ensino da *torah* para as crianças bem como a própria instrução popular da tradição e das leis judaicas<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

<sup>24</sup> FENSHAM, F.C. *In: Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo, Vida Nova, 1995, Verbete: Sinagoga, p.1531

<sup>25</sup> *Idem*, p.1532

De algum modo, os recortes bíblicos e históricos que aponte até aqui enfatizam tanto o símbolo da pedagogia educacional quanto a importância de privilegiar as crianças no ensino da cultura religiosa. Há afirmação unânime entre os teóricos da pedagogia infantil de que são a primeira e a segunda infâncias os períodos de melhor percepção do saber humano. Esta afirmação encontra base até mesmo nos textos bíblicos que anteriormente destaquei, ao trazerem como marca pedagógica a seguinte questão: “quando o teu filho te perguntar que rito é este, dirás...” Para Bourdieu, a influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação, muitas vezes contrastada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança<sup>26</sup>. Isto equivale dizer que, quando os pais crentes cumprem o compromisso assumido na ocasião do batismo de seus filhos, dando-lhes testemunho de sua fé cristã, orando com eles e os ensinando no caminho das Escrituras, certamente há uma influência fundamental na formação religiosa da criança. Talvez seja por isso que Richard Dawkins<sup>27</sup> afirmou tacitamente que é um crime iniciar uma criança na cultura religiosa; certamente Dawkins reconhece o poder de percepção do saber de uma criança. Portanto, não há dúvida de que a educação cristã, ou a própria Escola Dominical exerça papel fundamental na formação cultural de nossas crianças. Ouso dizer que a educação cristã é forte símbolo na formação cultural de nossos filhos, pois, além do aprendizado das histórias bíblicas, o elemento cognitivo da fé prepara a criança de forma diferencial para enfrentar as possíveis dificuldades existenciais, bem como em suas relações sociais.

Diante disso, passo agora a apresentar o contexto do surgimento da Escola Dominical bem como alguns apontamentos de sua atualidade, sobretudo, na IPIB. Mostrarei também alguns dados estatísticos e por fim, destacarei o conceito de fenômeno religioso como método de análise comparativa da Escola Dominical.

Foi num domingo em outubro de 1780 que jornalista inglês, Robert Raikes<sup>28</sup> procurava concentrar-se sobre o editorial que escrevia para o jornal de Gloucester, de propriedade de seu pai. Foi difícil para ele fixar a sua atenção sobre o que estava escrevendo, pois os gritos e palavrões das crianças que brincavam na rua, debaixo da sua janela, interrompiam constantemente os seus pensamentos. Levantando seus olhos por um momento, começou a pensar sobre o destino das crianças de rua; pequeninos sendo criados sem qualquer estudo que pudesse lhes dar um futuro diferente daquele dos seus pais. Se continuassem dessa maneira, muitos certamente entrariam no caminho do vício, da violência e do crime. A cidade de Gloucester, no centro-oeste da Inglaterra, era um pólo industrial com grandes fábricas de têxteis. Raikes sabia que as crianças trabalhavam nas fábricas ao lado dos seus pais, de sol a sol, seis dias por semana. Enquanto os pais descansavam no domingo, do trabalho árduo da semana, as crianças ficavam abandonadas nas ruas buscando seus próprios interesses.

---

<sup>26</sup> BOURDIEU, Pierre. *In: Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, 1999. 2ª edição, pp.42

<sup>27</sup> DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo, Cia das Letras, 2007

<sup>28</sup>

[http://www.metodistabeirario.org/index.php?Option=com\\_content&view=article&id=274&Itemid=55](http://www.metodistabeirario.org/index.php?Option=com_content&view=article&id=274&Itemid=55)

http://www.metodistabeirario.org/index.php?Option=com\_content&view=article&id=274&Itemid=55

Tomavam conta das ruas e praças, brincando e perturbando o silêncio do sagrado domingo com seu barulho. Naquele tempo não havia escolas públicas na Inglaterra, apenas escolas particulares, privilégio das classes mais abastadas que podiam pagar os custos altos. Assim, as crianças pobres ficaram sem estudar; trabalhando todos os dias nas fábricas, menos aos domingos. Raikes sentiu-se atribulado no seu espírito ao ver tantas crianças desafortunadas crescendo desta maneira; sem dúvida, ao atingir a maioridade, muitas delas cairiam no mundo do crime. Ele resolveu fazer algo para as crianças pobres, que pudesse mudar seu viver, e garantir-lhes um futuro melhor! Pondo ao lado seu editorial sobre reformas nas prisões, ele começou a escrever sobre as crianças pobres que trabalhavam nas fábricas, sem oportunidade para estudar e se preparar para uma vida melhor. Quanto mais ele escrevia, mais se sentia empolgado com seu plano de ajudar as crianças. Ele resolveu neste primeiro editorial somente chamar atenção à condição deplorável dos pequeninos, e no próximo ele apresentaria uma solução que estava tomando forma na sua mente. Quando leram seu editorial, houve alguns que sentiram pena das crianças, outros que acharam que o jornal deveria se preocupar com assuntos mais importantes do que crianças, sobretudo, filhos dos operários pobres!

Raikes, no próximo editorial, expôs seu plano de começar aulas de alfabetização, linguagem, gramática, matemática, e religião para as crianças, durante algumas horas de domingo. Fez um apelo através do jornal, para mulheres com preparo intelectual e dispostas a ajudar-lhes neste projeto, dando aulas nos seus lares. Dias depois um sacerdote anglicano indicou professoras da sua paróquia para o trabalho. O entusiasmo das crianças era comovente e contagiante.

Algumas não aceitaram trocar a sua liberdade de domingo, por ficar sentadas na sala de aula, mas eventualmente todas estavam aprendendo a ler, escrever e fazer as somas de aritmética. As histórias e lições bíblicas eram os momentos mais esperados e gostosos de todo o currículo. Em pouco tempo, as crianças aprenderam não somente da Bíblia, mas lições de moral, ética, e educação religiosa. Era uma verdadeira educação cristã. Robert Raikes, este grande homem de visão humanitária, não somente fazia campanhas através de seu jornal para angariar doações de material escolar, mas também agasalhos, roupas, sapatos para as crianças pobres, bem como mantimentos para preparar-lhes um bom almoço aos domingos. Ele foi visto freqüentemente acompanhado de seu fiel servo, andando sob a neve, com sua lanterna nas noites frias de inverno. Raikes fazia isto nos redutos mais pobres da cidade para levar agasalho e alimento para crianças de rua que morreria de frio se ninguém cuidasse delas; conduzindo-as para sua casa, até encontrar um lar para elas. As crianças se reuniam nas praças, ruas e em casas particulares. Robert Raikes pagava um pequeno salário às professoras que necessitavam, outras pagavam suas despesas do seu próprio bolso.

Havia, também, algumas pessoas altruístas da cidade, que contribuía com este nobre esforço. No começo Raikes encontrou resistência ao seu trabalho, entre aqueles que ele menos esperava - os líderes das igrejas. Achavam que ele estava profanando o domingo sagrado, e profanando as suas igrejas com

as crianças ainda não comportadas. Havia nestas aturas, algumas igrejas que estavam abrindo as suas portas para classes bíblicas dominicais, vendo o efeito salutar que estas tinham sobre as crianças e jovens da cidade. Grandes homens da igreja, tais como João Wesley, o fundador do metodismo, logo ingressaram entusiasticamente na obra de Raikes, julgando-a ser um dos trabalhos mais eficientes para o ensino da Bíblia. As classes bíblicas começaram a se propagar rapidamente por cidades vizinhas e, finalmente, para todo o país. Quatro anos após a fundação, a Escola Dominical já tinha mais de 250 mil alunos, e quando Robert Raikes faleceu em 1811, já havia na Escola Dominical 400 mil alunos matriculados. A primeira Associação da Escola Dominical foi fundada na Inglaterra em 1785, e no mesmo ano, a União das Escolas Dominicais foi fundada nos Estados Unidos. Embora o trabalho tivesse começado em 1780, a organização da Escola Dominical em caráter permanente, data de 1782. No dia 3 de novembro de 1783 é celebrada a data de fundação da Escola Dominical.

Entre as igrejas protestantes, a Metodista se destaca como a pioneira da obra de educação religiosa. Em grande parte, esta visão se deve ao seu dinâmico fundador João Wesley, que viu o potencial espiritual da Escola Dominical, e logo a incorporou ao grande movimento sob sua liderança. A Escola Bíblica Dominical surgiu no Brasil em 1855, em Petrópolis (RJ). O jovem casal de missionários escoceses, Robert e Sarah Kalley, chegaram ao Brasil naquele ano, e logo instalou uma escola para ensinar a Bíblia para as crianças e jovens daquela região. A primeira aula foi realizada no domingo, 19 de agosto de 1855. Somente cinco participaram, mas Sarah, contente com “pequenos começos” contou a história de Jonas, mais com gestos, do que palavras, porque estava só começando a aprender o português. Mas, ela viu tantas crianças pelas ruas, e seu coração almejava ganhá-las para Jesus.

A semente do Evangelho foi plantada em solo fértil. Com o passar do tempo aumentou tanto o número de pessoas estudando a Bíblia, que o missionário Kalley iniciou aulas para jovens e adultos. Vendo o crescimento, os Kalleys resolveram mudar para o Rio de Janeiro, para dar uma continuidade melhor ao trabalho e aumentar o alcance do mesmo. Este humilde começo de aulas bíblicas dominicais deu início à Igreja Evangélica Congregacional no Brasil. No mundo, há muitas coisas que pessoas sinceras e humanitárias fazem, sem pensar ou imaginar a extensão de influência que seus atos podem ter. Certamente, Robert Raikes nunca imaginou que as simples aulas que ele começou entre crianças pobres, analfabetas da sua cidade, no interior da Inglaterra, iriam crescer para ser um grande movimento mundial.

Hoje, a Escola Dominical conta com mais de 60 milhões de alunos matriculados, em mais de 500 mil igrejas protestantes no mundo. É a minúscula semente de mostarda plantada e regada, que cresceu para ser uma grande árvore cujos galhos estendem-se ao redor do globo.

## **1.1 Desafios e percepções**

Os desafios que se nos revelam no século XXI advêm das percepções da modernidade de nosso tempo. Precisamos olhar atentamente para a atual estatística da frequência de alunos nas atuais aulas de educação cristã, ou, alunos da Escola Bíblica Dominical. Não podemos sonhar utopicamente que a Escola Bíblica Dominical irá permanecer inalterada frente aos desafios contingentes da sociedade moderna. Até diria pós-moderna. Precisamos ressignificar a Escola Dominical, ou então, continuaremos colhendo, como na atualidade já ocorre, as constantes baixas na frequência.

É preciso olhar com seriedade para o movimento da pós-modernidade e analisá-lo a partir da fenomenologia da religião. A fenomenologia é o elemento mágico, místico e numinoso que atrai o ser humano aos símbolos sagrados. Nesse sentido, a pós-modernidade se nos mostra como instrumento de percepção do que vem ocorrendo com as grandes religiões do livro: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. A pós-modernidade não tem compromisso com sistemas, dogmas, sentidos, necessidades, utilidade ou coisas do gênero; antes, ela aponta para o sublime, para o belo, para a estética, para a arte e para a poesia; ou seja, revela-se por meio da mística desprovida de significados religiosos e institucionais. É esse tipo de atração pelo sobrenatural que temos visto ocorrer nas últimas décadas. As pessoas têm sede do sobrenatural, porém, fogem das instituições.

Essa busca pelo sobrenatural é um tipo de sentimento de absurdidade – sentimento diante da falta de sentido - do qual somos todos acometidos. Religiosos ou não, somos todos empurrados para o vazio do ser (essência). É igualmente verdade que todos procuramos ofuscar essa absurdidade que sempre nos aparece. É como a tentativa do doente em busca de sua cura, porém, descobre que não a encontrará, mas continuará buscando, pois, o remédio produz - mesmo que paliativamente - certo tipo de alívio. Entretanto, nessa busca pelo alívio o doente correrá o risco de tornar-se dependente da forma aliviante. Se a tentativa de apreender o inapreensível se dá por meio da religião, o ser doente correrá sempre o risco de se viciar, podendo ser empurrado ao fanatismo, ou talvez, pode se deparar diante da frustração do nada. Esse “nada - vazio de existência” ou a náusea - como diria Sartre - é o mesmo elemento que empurra as pessoas para a busca de sentido da vida. Essa forma de busca pelo ser tem sido procurada pelas pessoas por meio da: *religião, poder, eros, violência, whisky, maconha, arte etc.* Tais formas podem ser descritas como aparência de ser, ou seja, a interminável tentativa de preencher o vazio deixado pelo nada. Foi isso que Whitehead disse sobre a religião, definindo-a como *aquilo que o indivíduo faz de sua própria solidão*. Nesse sentido, essas formas citadas assumem a figura do “divino”, ou numa linguagem filosófica, assumem a figura da aparência do ser. É preciso refletir sobre o momento em que passamos a descrever o ser humano como “doente”. Se quisermos uma resposta rápida e tradicional, cabe facilmente citar o momento da queda segundo a narrativa bíblica. Acho que Barth diria que esse momento se parece com aquele em que o cristão diante das indagações da vida humana tem a impressão de que sua fé evadiu-se de sua alma de tal forma que chegou ao marco zero<sup>29</sup>, transformando a certeza da graça em

---

<sup>29</sup> BARTH, Karl. *Dáviva e louvor*. São Leopoldo, Sinodal, 1986, p.253



certeza do nada. Podemos comparar também esse momento com aquele em que o hebreu Moisés, tentando apreender o inapreensível, ou para citar o contexto bíblico, tentando apreender a glória divina, se vê frustrado diante da inapreensão.

Convém observar que esse remédio que o ser doente procura para aliviar o sentimento de absurdidade possui ligação estreita com o conceito de religião. O termo remédio é oriundo da raiz *Phamakós* do grego clássico. Essa palavra grega possui um tom dialético, pois, significa ao mesmo tempo o veneno e seu antídoto, o mal e o remédio. Pode exercer ações favoráveis ou desfavoráveis, dependendo das circunstâncias e das doses empregadas. Assim acontece com o ser doente na tentativa de aliviar o seu sentimento diante da falta de sentido. Ouso dizer que é isto que vem ocorrendo no século XXI. No Judaísmo e Islamismo cresce o número dos fanáticos, que buscam no fenômeno religioso uma fuga, uma abstração. Já no Cristianismo, cresce absurdamente o número de adeptos aos movimentos neo-pentecostais. Diante desses dados acho difícil tornar “popular” a educação cristã, baseada no estudo criterioso dos textos sagrados. No próximo capítulo, sobre currículo, vou apresentar alguns números auferidos a partir de quarenta e três regiões de nosso país onde se encontram espalhados as nossas Igrejas Presbiterianas Independentes. A estatística confirma a suspeita de que o modelo ou símbolo religioso fundamentado no ensino sistemático sobre o sagrado está em declínio. Esta é a minha percepção e por meio dela, penso que temos grandes desafios diante de nossos olhos e, portanto, é preciso urgentemente ressignificar o nosso símbolo religioso de atração. Caso contrário, teremos de conviver com as constantes e mínimas freqüências em nossas Escolas Bíblicas Dominicais.

**Adilson de Souza Filho**

Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade  
Metodista de São Paulo  
Pastor da IPIB do Jabaquara - SP

## ESCOLA DOMINICAL NA IPB: HISTÓRIA E DESAFIOS

### Introdução

Escola Dominical, como criação protestante, tem sido reclamada por diversas pessoas e por inúmeros segmentos evangélicos. Mas o Movimento de Escola Dominical, propriamente dito, teve como criador, com justas honras, Robert Raikes. E a história da origem da Escola Dominical deve nos ajudar a nortear nossos passos no que diz respeito aos desafios desta Estrutura de Ensino do meio Protestante.

A história diz que Robert Raikes, filho de Robert e Mary Raikes, Anglicano de origem, Raikes foi batizado na infância na Igreja (Anglicana) de Santa Maria da Cripta e educado na Escola da Cripta, ambos na Rua Southgate, em Gloucester, e, mais tarde, na Escola dos Reis. Tornou-se aprendiz de Jornalismo com seu pai, dono do Diário de Gloucester. Quando seu pai faleceu, em 1757, Raikes assumiu a editoria do jornal, aumentando o tamanho do jornal e melhorando o layout.

Como todos os seus contemporâneos de Comunicação Social, Raikes se interessava pela reforma prisional inglesa, por causas das condições terríveis a que os presos eram submetidos. Certo dia, procurando um jardineiro na Rua Saint Catherine, no bairro de Sooty Alley, ele encontrou um grupo de crianças maltrapilhas brincando na rua. A esposa do jardineiro disse, então, que aos domingos a situação era pior, pois as crianças que trabalhavam nas fábricas, de segunda a sábado, durante horas muito longas, ficavam desocupadas nesse dia, quase abandonadas, passando o tempo brincando, brigando e aprendendo toda espécie de vícios. Elas extravasavam toda sorte de violência nesse dia. Essas crianças, constatou Raikes, estavam a um passo do mundo do crime e ele chegou a ver o destino de muitas delas, ao visitar as prisões de Gloucester.

Tendo um profundo amor pelas crianças, Raikes resolveu estabelecer uma escola gratuita para esses meninos de rua. Então, Raikes contratou uma equipe de quatro mulheres no bairro para lecionar, recebendo um xelim e seis pence, cada uma. Com a ajuda do Rev. Thomas Stock, Ministro Anglicano, Raikes pôde logo associar cem crianças, de seis aos doze ou quatorze anos, nestas escolas dominicais. A primeira foi instalada na Rua Saint Catherine. Seu objetivo principal não era ensinar a Bíblia, mas alfabetizar os alunos e ministrar aulas de religião com o propósito de *reformular a sociedade*. O objetivo último era modificar-lhes o caráter usando os ensinamentos bíblicos.

Assim, a Escola Dominical nasceu como um instituto bíblico infantil, operando de forma independente das igrejas, alfabetizando e ensinando Bíblia às crianças carentes. Algumas crianças, a princípio, relutaram em vir para as escolas porque as suas roupas eram de estado muito ruim, mas Raikes

providenciou tudo de que eles precisavam, inclusive banho e cabelos penteados.

A Igreja Metodista trouxe a Escola Dominical para o Brasil. Em 1836, o Rev. Justin Spaulding organizou no Rio de Janeiro, entre estrangeiros, uma congregação com cerca de 40 pessoas e em junho abriu uma Escola Dominical com 30 alunos, dos quais alguns eram brasileiros, ensinados na sua própria língua.

Mas o espírito de Raikes, em criar um “instituto bíblico infantil”, somente surgiu dezenove anos mais tarde, através do casal de missionários escoceses independentes, Robert e Sarah Kalley. Eles são considerados os fundadores da Escola Dominical no Brasil. Em 19 de agosto de 1855, na cidade imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro, eles dirigiram aquela que é considerada a primeira Escola Dominical em terras brasileiras. Sua audiência não foi grande: apenas cinco crianças assistiram àquela aula. Mas foi suficiente para que seu trabalho florescesse e alcançasse os lugares mais retirados de nosso país. Essa mesma Escola Dominical deu origem à Igreja Evangélica Fluminense, marco das Igrejas Evangélicas Congregacionais no Brasil.

O Presbiterianismo teve sua chegada no Brasil com o Missionário Simonton, que desembarcou no Rio, na Manhã ensolarada de 12 de Agosto de 1859 onde foi recebido por Robert C. Right.

Algum tempo depois, juntamente com o Dr. Kalley analisou as respostas recebidas de advogados do Rio sobre as questões relacionadas à liberdade religiosa no Brasil. Devido a algumas restrições quanto à prática de culto, o Dr. Kalley sugeriu que ensinar Inglês seria a melhor tática inicial.

Em 22 de Abril de 1860 Simonton dirigiu uma escola Dominical em sua própria casa, sendo este seu primeiro trabalho em Português e em forma de Escola da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Desde a sua chegada ao Brasil, Simonton havia se empolgado com a idéia de uma escola que servisse tanto a comunidade imigrante quanto os brasileiros.

Ainda mais importante foi a sua última contribuição para o presbiterianismo nacional, a criação do chamado “seminário primitivo”. Simonton percebeu que a Igreja Presbiteriana do Brasil não poderia crescer e emancipar-se sem a preparação de líderes autóctones. Assim, no dia 14 de maio de 1867 tiveram início as aulas do Seminário do Rio de Janeiro, tendo como professores o próprio Simonton, seu colega Schneider e o pastor luterano Carlos Wagner.

Esta visão tornou-se uma característica marcante da Igreja Presbiteriana, ou seja, sua ação no campo da educação. Onde existisse uma igreja presbiteriana, alguma iniciativa deveria ser tomada na direção da educação.

Bem, depois de uma narrativa sobre o histórico da Escola Dominical de maneira geral, bem como da Escola no que tange ao Presbiterianismo, creio

que o grande desafio desta estrutura criada para facilitar a aprendizagem Bíblica esteja em retomar sua caminhada observando a origem desta estrutura.

Tal qual Raikes e seu objetivo de reformar a sociedade onde ele estava inserido, bem como modificar o caráter das crianças, alvo da estrutura que ele criara, acredito que num País como o Brasil, a Escola Dominical deveria contribuir bem mais para estes objetivos.

A Revista Veja de 28 de maio diz em seu Título, que O Brasil vive um dilema em ter realidades que o colocam como País de 1º mundo e 3º mundo, e mostra quais são estas realidades que podem empurra-lo para a civilização atualizada e desenvolvida e o que pode empurra-lo para o atraso.

Assim, creio esteja a Escola Dominical, criada para ser instrumento de transformação de vidas através da Bíblia, hoje caminha sem objetivos, metas, alvos. Estagnada em suas estruturas, esquecida de sua origem. Classes com pessoas que ano após ano escutam, ouvem, aprendem e não realizam absolutamente nada de relevante a sociedade onde estão inseridos. Quando na verdade deveriam propiciar meios para contribuir com nosso País na melhoria educacional e social de nosso povo, utilizando porque não as estruturas físicas de nossas comunidades para benefício das pessoas próximas de nossas igrejas.

Porque não, uma escola com cursos profissionalizantes aos domingos para as pessoas que estão fora do mercado de trabalho. Porque não reforço escolar às crianças que precisem desta ação, porque não cursinhos de preparação para jovens que pleiteiem uma faculdade e não podem pagar por um cursinho de boa qualidade. Porque não tudo isso, com a mensagem da graça e do amor de Deus visualizados em Cristo Jesus, educador nato e verdadeiro construtor de novas realidades para a vida humana concomitante ao que disse nas Escolas Dominicais.

Esta nova situação viria acompanhada de muitas adequações e imensas dificuldades. Mas valeria a pena, eu não tenho a menor dúvida.

Precisamos ensinar as pessoas a “aprender a aprender”. Precisamos falar da Verdade, porque Ela (verdade, Cristo) os libertará para uma vida jamais vista e imaginada.

**Gustavo de Brito**

Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Teológicas (FATAC)  
Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil  
Pedagogo

## HÁ CURRÍCULO POSSÍVEL PARA ESCOLA DOMINICAL?

### Introdução

É difícil pensar em currículo quando o assunto é Escola Dominical. Currículo lembra plano diretivo de uma construção estruturada do saber. Porém, na experiência da fé cristã não existe graduação, pois, estamos sempre aprendendo, independente da idade, classe social e nível intelectual.

A tese que defendo é a de que o currículo não só é possível, mas também obrigatório na educação cristã infantil, desde a lactância até onze anos. Este currículo deverá constar, fundamentalmente, o tema central da fé cristã, que é a história da salvação "*heilsgeschichte*". A história da salvação é o tema central da teologia cristã. Contudo, veremos que esse tema é muito bem praticável na Tradição Reformada a partir de elementos da razão; ou seja, a história da salvação, conforme nossa tradição segue por caminhos que pressupõem sempre o conceito dogmático, doutrinário. E isso é um fator paradoxal, podendo às vezes mostrar-se como positivo e por outras vezes negativo. É positivo quando se destaca uma cultura politizada, talvez essencialmente urbanizada e, sobretudo com acesso à educação. Porém, é negativo quando supervaloriza esses elementos sociais, com base na própria razão/conhecimento e desta forma, torna-se seletiva, impedindo o acesso das massas desprovidas de valores educacionais.

Para Tillich, a racionalização do elemento simbólico marcou o início da derrocada do Protestantismo no mundo. Trata-se de uma religião altamente intelectualizada. Diz Tillich: *a toga usada pelo pastor de hoje é a mesma do professor universitário na Idade Média, mostrando o fato de que as faculdades teológicas haviam se tornado a suprema autoridade para as igrejas protestantes na qualidade de intérpretes da Bíblia*<sup>30</sup>. Para Tillich, as massas precisam de símbolos capazes de compreensão imediata sem a ajuda do intelecto. Elas necessitam de realidades objetivas e simbólicas que são, por exemplo: *Bíblia, histórias sagradas, rituais sagrados e realidades simbólicas que dão sentido à existência*. Quase todos os elementos objetivos desapareceram das igrejas protestantes. O Dr. Mendonça afirmou que o motivo considerável do não desenvolvimento popular do Presbiterianismo no Brasil se deu em virtude da discreta "atração simbólica".<sup>31</sup>

Para Bourdieu, as características que definem a separação de classes sociais são as seguintes: As classes inferiores se referem, sobretudo ao dinheiro, as classes médias ao dinheiro e à moralidade, enquanto que as classes superiores acentuam o nascimento (que é a figura berço, nobre nascimento) e o estilo de vida.<sup>32</sup> Segundo Bourdieu, os interesses mágicos são cada vez

---

<sup>30</sup> TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo, Ciências da Religião, 1992, p.244

<sup>31</sup> MENDONÇA, Antônio Gouveia. VELASQUES, Prócoro Filho. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1990, pp.38-38.

<sup>32</sup> BOURDIEU. *op.cit*, p.24.

mais freqüentes quando se observa os pontos mais baixos da hierarquia social, fazendo-se presentes, sobretudo nas classes populares, distantes da chamada “sistematização racional”. Para ele, quanto maior for o peso da tradição popular numa civilização, tanto mais a religiosidade se orienta pela magia. E o contrário se mostra nas civilizações onde as profissões urbanas se desenvolvem em maior grau, surgem com mais facilidade as condições adequadas para a “racionalização” e para a “moralização” das necessidades religiosas.<sup>33</sup> Essa é exatamente a condição do contexto brasileiro. As comunidades cristãs que mais crescem são aquelas que usam com mais propriedade as técnicas dos elementos simbólico-fenomenológicos.

Diante disso, recai sobre nós a difícil tarefa de definirmos as bases que comporão o currículo possível para, tanto transmitir os elementos de nossa tradição, quanto o de ressignificar sempre o símbolo religioso que caracteriza a nossa experiência de fé. Não devemos ter dúvidas de que devemos ressignificar sempre o símbolo religioso de nossa fé, pois, o ser humano é sempre dinâmico e está em constante evolução sócio-cultural.

### **1. Ensina a criança no caminho em que deve andar.**

Esse tópico foi emprestado de uma passagem bíblica muito conhecida e também ligada à educação infantil; trata-se do texto de Provérbios 22:6. Este caminho do qual menciona o texto de Provérbios refere-se ao caminho que ligava as tribos de Israel em torno de Jerusalém, onde estava localizado o Templo. Trata-se de um texto altamente didático, pois, revela o sentido de inculcar na memória das crianças o símbolo da peregrinação judaica em direção ao Templo, marcando diametralmente a experiência com o elemento sagrado do povo judeu. É muito comum encontrarmos interpretações superficiais deste texto, evidenciando a idéia de que a criança educada na fé jamais poderá, posteriormente, na fase adulta, desviar-se do caminho. Não podemos nos esquecer de que a salvação de nossos filhos não depende de nós; e nem tampouco a nossa negligência quanto à influência religiosa sobre eles os impedirá de no futuro experimentarem a fé. Contudo, devemos aproveitar o período da infância de nossos filhos - sendo o mais fértil para o aprendizado - para lhes dar testemunho de nossa fé. Este testemunho, por tratar-se da experiência com o sagrado, deve ser dado a partir do elemento visual, ou seja, as crianças aprendem, basicamente, olhando, reparando a atitude dos adultos. É como dizia Voltaire, “um gesto encobre mil palavras”.

Ao utilizarmos o elemento cognitivo (conjunto dos processos mentais do pensamento, na percepção, na classificação e no reconhecimento), da criança, na tarefa educacional da fé, damos um grande passo no processo de reprodução da experiência religiosa. Todos os elementos simbólico-religiosos ficarão marcados na fértil memória da criança. Aqui lembramos também da forte ênfase dos conceitos ético e moral oriundo de toda experiência religiosa que marcam profundamente tanto a personalidade quanto o caráter do ser humano. Do mesmo modo que Richard Dawkins afirmou que é um crime iniciar

---

<sup>33</sup> *Idem*, p.84.

a criança nos rituais religiosos, digo que é um crime a negligência dos pais cristãos que não assumem o compromisso de levarem seus filhos para o processo de aprendizado da fé, tão bem praticado por nossas escolas dominicais.

A passagem bíblica de I Samuel 3:1-10 é muito sugestiva, pois, mostra uma relação entre mestre e discípulo, professor e aluno, pai e filho. Samuel era ainda uma criança e diante de uma experiência sobrenatural, contudo, ainda desprovido de maturidade cognitiva, não pôde perceber a manifestação do sagrado. Já o sacerdote Eli, velho e experiente, percebeu que era Deus quem falava com a criança. O texto diz que Eli “entendeu”, verso 8, que era o Senhor quem falava com a criança; e diante disso, passou a instrução.

Bem sabemos que toda criança passa pela fase do questionamento. Para a psicologia, esta é a fase do descobrimento do mundo. O ser humano é a espécie animal que possui o menor número de comportamentos inatos (naturais), fixos e invariáveis. O ser humano é o animal mais dependente de “aprendizagem” para sobreviver<sup>34</sup>. O ser humano depende da aprendizagem praticamente para tudo: vestir, comer, andar, falar etc. Esta lista de aprendizagem é interminável e durante toda a vida o ser humano se vê aprendiz. Na teoria da aprendizagem, destaca-se o elemento da “observação” direta da conduta das pessoas, popularmente conhecido como “aprender por meio de exemplos”. A psicologia moderna afirma, por meio de experiências, que os modelos mais imitados são aqueles que se mostram reforçados - repetitivos e recheados de outros fatores de convivência social – por meio de exemplos: pais, professores, amigos etc<sup>35</sup>. Nesse sentido, podemos reafirmar a importância dos pais cumprirem o compromisso assumido diante do altar de Deus por ocasião do batismo de seus filhos. Aqui, reforça-se a tese da psicanálise de que o ser humano é fruto de seu meio. Desta forma, se nós atentarmos para a necessidade de propiciar aos nossos filhos os “bons referenciais”: família, igreja e princípios de cidadania, certamente teremos maiores condições de formar boas pessoas.

Finalmente, passo a apresentar alguns quesitos básicos sobre “currículo possível”:

## **CURRÍCULO POSSÍVEL<sup>36</sup> DOCTRINAS FUNDAMENTAIS DA BÍBLIA**

### **I. O QUE É UM CURRÍCULO?**

É a soma dos resultados da aprendizagem planejada e alcançada por uma instituição de ensino. É um modo de organizar as práticas educativas. Pode-se também dizer que o currículo é a síntese dos conhecimentos e valores que caracterizam um processo social expresso pelo trabalho pedagógico desenvolvido no ambiente escolar. Na prática, o currículo é um grupo de assuntos que constitui um curso de estudos, planejado e adaptado às idades e

---

<sup>34</sup> VV.AA. *Psicologia Geral*. Petrópolis, Vozes, 1992, 11ª edição, p.117

<sup>35</sup> VV.AA. *op.cit*, p.129

<sup>36</sup> <http://prmarcostuler.blogspot.com/2008/02/blog-post.html>

necessidades dos alunos. Enfim, é um meio educacional para atingir os objetivos de ensino.

### **1. Como se forma um currículo?**

Todo currículo escolar é formado a partir de uma filosofia. Que tipo de aluno se quer formar? Para que finalidade? Com quais objetivos? Definida a filosofia, é a vez da seleção dos conteúdos necessários à formação desse aluno desejado.

### **2. Qual a necessidade de um currículo?**

Os conteúdos e as práticas educativas são organizados a partir do currículo. Sem o apoio de um currículo previamente organizado, tendemos a perda de tempo, de propósito e ineficácia. Ficamos à mercê das entediadas rotina e improvisação.

## **II. O QUE É UM CURRÍCULO DE ESCOLA DOMINICAL?**

Conjunto de dados relativos à aprendizagem bíblico-cristã, organizados para orientar as atividades da Escola Dominical, as formas de executá-las e suas finalidades. A concepção de currículo neste particular inclui desde os aspectos básicos que envolvem os fundamentos doutrinários e teológicos da educação cristã até os marcos teóricos e referenciais técnicos que a concretizam na sala de aula.

### **1. Suas principais características**

#### **a) Filosofia própria**

Ninguém ensina em ambiente neutro. Por isso, todo currículo tem uma filosofia; uma ideologia. Há sempre uma abordagem específica para o ensino, que reflete um conjunto de suposições e pressuposições sobre a natureza e o propósito da educação.

A educação cristã, por exemplo, firma-se em uma concepção bíblica da realidade, da verdade, e da moralidade, como base para seu conteúdo curricular e prática educativa.

Na verdade, a Educação Cristã não se baseia propriamente em uma filosofia, mas em uma teologia centrada na Bíblia.

#### **b) Abrangência**

Reúnem diversas matérias, atividades, vivências, recursos, formas de avaliação etc. Uma única matéria não pode ser chamada de currículo. Um determinado livro-texto ou revista de Escola Dominical não constituem um currículo. Há um sentido de progressividade e completude em relação às faixas etárias.

#### **c) Harmonia e unidade**

As matérias reunidas deverão ser ideologicamente orientadas. Todo currículo deve ter o sentido interdisciplinar. As matérias devem estar interligadas entre si. As matérias deverão visar à formação integral do aluno. Que tipo de aluno queremos formar?

#### **d) Encadeamento lógico**

Há uma seqüência lógica, ou seja, os temas são encadeados entre si, e não entrecortados.



### **e) Flexibilidade**

Há a possibilidade de o professor reescrever o conteúdo curricular, adaptando-o à realidade, necessidades e expectativas de seu público-alvo.

Nenhum currículo é perfeito. Mas isso não significa que seja preciso mudar os fundamentos filosóficos e pedagógicos do currículo, ou mesmo substituí-lo. O professor poderá readaptá-lo e torná-lo plenamente aplicável à sua classe.

## **2. Como funciona um currículo de Escola Dominical**

Para cada fase de estudos há uma quantidade de informação (conteúdos didáticos) adequada à capacidade de assimilação e aproveitamento por parte dos alunos. Os conteúdos são dosados criteriosamente, de modo que ao atingirem a idade adulta, os alunos concluam o curso bíblico elementar. O sistema funciona como numa escola secular. A partir dos primeiros meses de vida (berçário), a criança passa por todas as fases do programa, sem repetir nenhuma lição, desde que sua transferência para a classe da faixa etária seguinte seja feita corretamente, até chegar à faixa etária de jovens e adultos.

Exemplificando: Após passar pela classe do Berçário, e concluir o currículo de Maternal (3 e 4 anos), com oito revistas, o aluno recebe um certificado de conclusão, sendo transferido para a faixa etária seguinte, Jardim de Infância (4 e 5 anos), com 8 revistas. Daí em diante repete-se o processo, passando de uma faixa para a outra, até chegar à classe de adultos.

### **a) Quanto à duração do currículo**

Depende de seu planejamento. Um currículo bem elaborado requer o cumprimento de vários objetivos educacionais e em relação a currículos de um curso bíblico, como é o caso do da Escola Dominical, deverá abranger várias áreas do conhecimento bíblico-teológico, sempre levando em conta a capacidade de assimilação dos conteúdos de acordo com a idade dos alunos.

O currículo pode retornar para mais um ciclo de estudos de 2 ou 3 anos (2 anos para Berçário, Maternal, Jardim, Primários, Juniores, Pré-adolescentes e Adolescentes, e 3 para Juvenis). Isto acontece com currículos de todas as faixas etárias de qualquer editora que publique currículos de Escola Dominical. Quando um currículo retorna, não significa que está sendo simplesmente repetido, e sim que seu ciclo de estudos foi concluído.

Como acontece nas escolas seculares, é o aluno que passa pelo currículo. Ou seja, Em qualquer trimestre que ingresse na Escola Dominical, o aluno estudará a revista que está em curso na seqüência do currículo de sua faixa etária. Ao completar idade para ingressar na classe da faixa etária seguinte, ele recebe o Certificado de Conclusão do Curso Bíblico correspondente à faixa etária que acabou de sair.

Assim, o aluno passa por todas as revistas apropriadas para cada faixa etária, à medida que for alcançando a idade correspondente.

Na escola secular acontece o mesmo. O aluno que hoje está na 3ª série primária, estuda as mesmas matérias que seus pais estudaram há muitos

anos. Isto porque a reformulação dos currículos só acontece por extrema necessidade, e após vários anos em vigor.

Se os alunos forem transferidos na ocasião correta, nenhum deles, jamais, repetirá uma só lição.

#### **b) Quanto à utilização da revista pelo professor**

Quando o professor terminar de usar, por exemplo, a revista n.º 8 de Adolescentes (13 e 14 anos), voltará a usar a revista n.º 1, reiniciando o ciclo do curso bíblico. Esta forma de uso das revistas exige que o professor especialize-se em determinada faixa etária, para que, desta forma, tenha maior oportunidade de colecionar bom material específico e também se torne um especialista da faixa etária em que leciona na Escola Dominical.

#### **c) Quanto à transferência de alunos**

Pode haver ingresso de novos alunos na classe em qualquer tempo do ano, independente da seqüência numérica da revista que tiver sendo usada.

A transferência de classe deverá ser feita no trimestre seguinte ao que o aluno fez aniversário. Por exemplo, se um aluno da classe dos adolescentes (13 e 14 anos) completou a idade para ingressar na classe dos juvenis (15 a 17 anos) em um dos três meses do primeiro trimestre do ano (janeiro, fevereiro e março), só deve ingressar na classe seguinte (juvenis) em abril, primeiro mês do segundo trimestre.

### **III. O QUE É CONTEÚDO DIDÁTICO?**

São as informações contidas em determinada matéria de ensino.

Os conteúdos didáticos especificados no Currículo de Escola Dominical são disponibilizados na forma de revistas didáticas.

Todo currículo trás em seu bojo conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que são selecionados, organizados e apresentados por meio de experiências de aprendizagem ao aluno para ajudar-lhe em seu desempenho de acordo com os objetivos visados. Por isso, nenhum professor da ED deverá limitar-se ao conteúdo de uma matéria de ensino disposta em livro ou revista didática. Antes, deve ele em sua prática docente, considerar suas próprias experiências de vida como singular fonte de material útil ao bom êxito do ensino. Os livros que o mestre lê as pessoas com quem tem contato diariamente e cada experiência pessoal constituem excelentes materiais auxiliares na suprema tarefa de esclarecer a Palavra de Deus a seus alunos.

Apesar de o material didático especializado ser de suma importância, nunca deverá o mestre desperdiçar a oportunidade de enriquecer suas aulas com sua prática de vida.

### **IV. QUE SÃO REVISTAS DIDÁTICAS**

As revistas didáticas equivalem aos livros de textos utilizados nas escolas seculares. Elas refletem e expõem a filosofia, a metodologia e os conteúdos didáticos orientados pelo currículo. O currículo é operacionalizado por meio das orientações contidas nas revistas didáticas. Fazem parte das revistas:

## **1. Componentes das Revistas Didáticas**

### **a) Conteúdos didáticos**

Todas as informações, habilidades e práticas educativas, selecionadas, Organizadas, e apontadas no currículo para serem trabalhadas com alunos em determinado período de tempo. No caso da Escola Dominical, em um trimestre. Desenvolvimento do conteúdo principal - comentário do texto bíblico básico:

- Tamanho suficiente.
- Divisões lógicas e pertinentes com o tema central.
- Linguagem adequada à faixa etária.
- Texto adequado à realidade dos alunos das diversas regiões e níveis culturais do Brasil.
- Comentaristas com perfil profissional de acordo com as novas demandas da educação cristã.

### **b) Estrutura pedagógica (Seções da revista)**

As revistas didáticas são divididas em várias seções. Tais seções equivalem a um plano de aula.

### **c) Ilustrações**

As ilustrações devem ser apropriadas à faixa etária do currículo. Ou seja, devem estar de acordo com a proposta pedagógica e capacidade de compreensão daquele grupo etário.

Devemos partir do “olhar” da criança. Como ela vê e interpreta aquela determinada figura? Consegue relacioná-la a outro momento de sua vida?

As ilustrações devem ser significativas, expressivas e relevantes.

No currículo de Escola Dominical, há um estilo de ilustração para cada faixa etária.

### **d) Atividades de fixação e exercícios para verificação da aprendizagem**

As atividades de fixação e exercícios de verificação propostos nos currículos infantis possuem as seguintes características:

- De acordo com a faixa etária e as modernas propostas pedagógicas.
- Variados, criativos, inventivos e desafiadores.
- Compreensíveis, claros, relevantes.
- Níveis de dificuldade adequados à capacidade de compreensão da criança.

### **e) Suplementos didáticos**

Pranchas de visuais para as histórias bíblicas, sugestão de cartazes para a memorização de versículos, planos de freqüência, gráficos, mapas, figuras, moldes, modelos, fantoches e outros recursos visuais. Quanto a esses recursos:

As ilustrações deverão estar intrinsecamente ligadas ao conteúdo das lições.

- Os elementos deverão ser criativos e interessantes, de modo a despertar a atenção e a curiosidade dos alunos.
- Jamais poderão ser repetitivos e sim, complementares e enriquecedores.
- O texto deverá ser claro, simples e compreensível.

### **f) Projeto gráfico**

Designe (tipologia, estilo de ilustrações, cores, vinhetas e formato) mais arrojado. As ilustrações mudarão de estilo, técnica e material de desenho de acordo com a faixa etária. Exemplo:

Berçário: Infantil/Digital + Efeitos

Maternal: Infantil/Giz de Cera

Jardim: Infantil-Cartoon/Lápis de cor

Primários: Cartoon/Guache

Juniores: Cartoon-Mangá/Digital

Pré-Adolescentes: Desenho-Foto-Digital/Digital

Adolescentes: Desenho-Foto-Digital/Digital

Juvenis: Fotos

Cores mais leves, mais uniformidade, diagramação menos apertada, ilustrações mais modernas e significativas, menos elementos nas páginas internas, tipologia coerente com as faixas etárias, produção fotográfica mais aprimorada, melhor legibilidade.

## **2. Ensino apropriado para cada faixa etária**

desenvolvimento da criança. Desde os primeiros meses de vida (Berçário) a criança passa por todas as fases do programa, sem repetir nenhuma lição, até chegar à idade adulta. Deste modo, o currículo CPAD propicia aos alunos uma visão panorâmica da Bíblia Sagrada ajustada a cada faixa de idade.

## **VI. AS FAIXAS ETÁRIAS E SUAS REVISTAS**

0 a 2 anos - BERÇÁRIO

Revista do Mestre (semestral)

Revista do Aluno (semestral)

(Folhas de atividades encartadas na revista do mestre)

3 e 4 anos - MATERNAL

Revista do Mestre (semestral)

Revista do Aluno (trimestral)

Pasta de Visuais - figuras das lições (semestral)

5 e 6 anos - JARDIM DE INFÂNCIA

Revista do Mestre (semestral)

Revista do Aluno (trimestral)

Pasta de Visuais - figuras das lições (semestral)

7 e 8 anos - PRIMÁRIOS

Revista do Mestre (semestral)

Revista do Aluno (trimestral)

Pasta de Visuais - figuras das lições (semestral)

9 e 10 anos - JUNIORES ESTUDANDO A BÍBLIA

Revista do Mestre (semestral)

Revista do Aluno (trimestral)

Pasta de Visuais - figuras das lições (semestral)

11 e 12 anos - PRÉ-ADOLESCENTES

Revista do Mestre (trimestral)

Revista do Aluno (trimestral)

13 e 14 anos - ADOLESCENTES VENCEDORES

Revista do Mestre (trimestral)

Revista do Aluno (trimestral)

15 a 17 anos - JUVENIS LIÇÕES BÍBLICAS

Revista do Mestre (trimestral)

Revista do Aluno (trimestral)

JOVENS E ADULTOS - LIÇÕES BÍBLICAS

Revista do Mestre (trimestral)

Revista do Aluno (trimestral)

NOVOS CONVERTIDOS - DISCIPULADO 1 e 2

Revista do Mestre 1 (um trimestre) + Mestre 2 (um trimestre)

Revista do Aluno (um trimestre) + Aluno 2 (um trimestre)

**Adilson de Souza Filho**

Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade

Metodista de São Paulo

Pastor da IPIB do Jabaquara - SP

## ESCOLA DOMINICAL: QUEBRA DE PARADIGMA HISTÓRICO

### 1. Escola Dominical: Instituição Falida?

Início essa reflexão com uma pequena ilustração encontrada em um belíssimo texto que narra um pouco das estórias dos zumbis em território caribenho do Haiti. Conta-se que nas noites escuras do Haiti, o feiticeiro, “senhor da palavra”, desenterra um corpo previamente adormecido - que os demais habitantes acreditam estar morto, e que por meio da feitiçaria acaba sendo convertido em Zumbi ou escravo que vende sua força aos proprietários de terra da região. Torna-se um trabalhador sem consciência que obedece a tudo e a todos. No entanto, alguns moradores conhecendo o segredo de como fazê-lo retornar à vida, decidem usar um pouco de sal, (uma espécie de antídoto), que é oferecido ao escravo, sendo colocado também em seu ambiente de trabalho. Assim conseguem desperta-lo devolvendo-lhe a vida e ao mesmo tempo libertando-o do feitiço ao qual estava preso.<sup>37</sup>

Quando analisamos o sistema educacional brasileiro, diante das maiores dificuldades que enfrentamos, penso que a ilustração acima nos convida a uma profunda reflexão e análise. Quantos não são os cidadãos e porque não dizer cristãos do nosso tempo, que vivem a vender sua força e consciência, diante de um programa de ensino que não promove a vida e muito menos estimula a esperança? Frente à realidade atual, concluímos que se por um lado estamos com um pé no primeiro mundo em questões como exportações, urnas eletrônicas, etanol etc. Por outro lado não conseguimos sair do terceiro mundo em questões como dengue, impunidade coletiva, fila do SUS e particularmente em nosso caso, o campo da educação.<sup>38</sup> A iniciativa de simpósios como este renovam a esperança de encontrar pessoas e igrejas conscientes da necessidade de se continuar sendo uma voz profética frente a uma realidade que insiste em anestesiar sonhos e esperanças.

Não diferente da realidade educacional do nosso país a Igreja enfrenta as mais diversas necessidades, necessitando, portanto, analisar com ousadia os seus desafios, como por exemplo, o próprio futuro da Escola Dominical. Para muitos uma instituição falida, para outros ultrapassada, e para poucos, departamento ainda indispensável à formação de dignos cidadãos. Sem dúvida somente a pergunta acima poderia desencadear uma calorosa discussão em nível teológico e pedagógico, independente de todo o trabalho que propomos desenvolver. Incrível como uma instituição com mais de dois séculos de existência continua a provocar as mais emotivas discussões, independente do seu contexto social, religioso ou cultural.

Sem sombra de dúvida, algo de especial deve existir, pois apesar de tantas profecias decretando o seu desaparecimento (principalmente nas últimas décadas), a Escola Dominical continua a desenvolver um papel indispensável

---

<sup>37</sup> LEIS, Raúl. *La Sal de los zombis, Tarea*. Lima, 1986.

<sup>38</sup> Revista Veja, Editora Abril, maio de 2008.

às mais diversas denominações que acreditam no ministério educativo da Igreja.

Diante dos questionamentos, dúvidas e opiniões diversas desejamos construir uma seqüência de idéias que colaborem para a presente reflexão.

## **2. Um pouco de história**

A Escola Dominical surgiu em 1780, na cidade de Gloucester, ao sul da Inglaterra, através da liderança do jornalista episcopal chamado Roberto Raikes. Aos 44 anos de idade e impressionado com inúmeras crianças entregues às ruas, à delinqüência, à ociosidade e aos vícios, começou por reunir menores, dominicalmente, para lhes dar orientação moral e espiritual. Sua experiência estava embasada no trato com detentos nas prisões, onde já havia trabalhado por quinze anos.

Nas reuniões realizadas aos domingos, Raikes ministrava o ensino da Bíblia através do método de leitura e recitação dos versículos bíblicos utilizados como referência para as suas aulas, seguidos de pequenos comentários. Além da parte espiritual, as crianças recebiam noções gerais de linguagem, aritmética e moral e cívica.

Apesar das reações contrárias, Raikes continuou o seu trabalho e em 20/07/1780, surgiu a Escola Dominical em regime experimental, por um período de três anos, sendo após essa data divulgados os primeiros resultados para todo o mundo. Entre 1780/83, Raikes organizou sete escolas, com trinta alunos cada, em média. Os resultados eram vistos nas crianças e em seus pais. Em 03/11/1783, publicou os resultados em seu jornal, considerando-se essa data o nascimento oficial da escola dominical, tornando-se homem mais popular da Inglaterra. Com o crescimento do trabalho, no ano de 1785, organizou a 1ª União das Escolas Dominicais em Gloucester e as crianças se reuniam nos templos, com o apoio das igrejas, abrangendo posteriormente os adultos. No ano de 1797, o movimento havia crescido de tal forma que 250 mil crianças já estavam matriculadas na Inglaterra, além da expansão do projeto para outros países da Europa. KICKOFEL registra esse momento com as seguintes palavras:

*Na falta de instrução pública, Raikes proporcionou às crianças pobres e analfabetas a possibilidade de conhecer os fundamentos da fé cristã por meio de professores pagos. As aulas eram ministradas aos domingos e os alunos eram obrigados a freqüentar os cultos da Igreja. O movimento logo se espalhou por toda a Inglaterra. Não obstante ao sucesso alcançado, houve oposição por parte do clero, que alegava que era uma inovação e que a nova atividade profanava o domingo, o dia do Senhor. Mais tarde, o ensino religioso pago deu lugar a professores voluntários, costume que se espalhou por todas as igrejas anglicanas e*

*evangélicas da Europa, vindo a integrar-se também na vida das igrejas episcopais dos Estados Unidos e do Brasil.*<sup>39</sup>

No Brasil, sua história tem início em 29 de abril de 1836, quando desembarca no Rio de Janeiro, proveniente dos Estados Unidos, o Rev. Justin Spaulding. Após os primeiros trabalhos de evangelização, promoveu a organização da escola dominical de forma oficial em 01 de maio do mesmo ano. Em uma carta enviada à Igreja Metodista Episcopal, relatou que:

*...Conseguimos organizar uma escola dominical, denominada Escola Dominical missionária Sul-Americana, auxiliar das Escolas Dominicais da Igreja Metodista Episcopal..Mais de 40 crianças e jovens se tornaram interessados nela (...) Está dividida em oito classes com quatro professores e quatro professoras. Nós nos reunimos às 16 e 30 aos domingos. Temos duas classes de pretos, uma fala inglês, a outra português. Atualmente parecem muito interessados e ansiosos por aprender...*<sup>40</sup>

Apesar do sucesso do trabalho, a iniciativa Metodista no Brasil teve curta duração. A Missão encerrou suas atividades em 1841, com o retorno do Rev. Spaulding aos Estados Unidos.

Felizmente, não muito tempo depois, (10 de maio de 1885) chegava ao Brasil o casal Robert e Sarah Poulton Kalley. Com início imediato dos trabalhos, iniciaram as primeiras atividades de Escola Dominical, de forma oficial, em 19 de agosto de 1855, na cidade de Petrópolis/RJ, historicamente assim documentada:

*Foi no domingo, 19 de agosto de 1855, que a sra. Kalley inaugurou a Escola Dominical, para a instrução bíblica de crianças. Cinco filhos duma família inglesa foram os primeiros alunos das classes bíblicas, que duraram muitos anos e produziram algum fruto bom e permanente. Dois ou três domingos depois, o serviço já estava ampliado: o sr. Dr. Kalley, dirigia uma classe, composta de homens de cor, com os quais conversava a respeito das Escrituras.*<sup>41</sup>

É possível observar que a Escola Dominical organizada pelo casal Kalley, foi marcada pela profunda preocupação em ensinar a Bíblia e hinos às crianças e adultos matriculados. Como herança, recebemos uma preciosa contribuição pedagógica, onde através da música e criação de diversos hinos, inúmeros assuntos bíblicos continuam sendo ensinados em nossas igrejas.

A semente lançada em terras brasileiras durante o século XIX produziu um forte crescimento no início do século XX. As primeiras três décadas foram marcadas por profundo entusiasmo de pessoas que compreenderam a

---

<sup>39</sup> KICKOFEL, Oswaldo. *Educação na Igreja Anglicana*. Em: *Educação e Igrejas no Brasil*, p. 65.

<sup>40</sup> REILY, Ducan A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. Aste, 1993, p. 92.

<sup>41</sup> Idem, p. 104.



importância da Escola Dominical na formação do caráter humano. Com isso, pessoas se reuniram e começaram a elaborar eventos de grande porte que marcaram o progresso do evangelho no novo século.

Citamos como exemplo o trabalho realizado pela UEDESP (União das Escolas Dominicais do Estado de São Paulo), organizada em janeiro de 1931. A primeira diretoria foi composta por irmãos das Igrejas Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Metodista, Episcopal, Congregacional e Cristã Evangélica. Dois anos após sua organização foi realizada a II Convenção das Escolas Dominicais do Estado de São Paulo, fundamentada em uma preciosa organização como registrados nos históricos da época.<sup>42</sup> Entre os temas tratados naquela ocasião encontramos detalhados programas de ensino, organização e disciplina, escola bíblica de férias, orientações sobre modelo arquitetônico para edifícios de educação religiosa além de um tema que muito nos chama a atenção - Educação Física e Recreações entre os alunos da Escola Dominical. O registro abaixo nos proporciona uma visão melhor da preocupação e da organização que norteou o referido evento.

*Nenhum assunto, portanto, é mais pertinente à Escola Dominical do que o estudo das recreações, a que o moço pode se dedicar sem contaminar a sua formação com os tóxicos lentos e inexoráveis que consomem e arruinam tantos os nossos semelhantes. A mocidade é, por natureza, pletórica de energias e de aventuras. Apenas egressa da meninice, a alma povoada de sonhos, o coração imune da maldade, ela precisa utilizar e expandir os tesouros da sua vitalidade, da sua inteligência, da sua força. Ela é explosiva, alegre, cheia de júbilo de viver e - diga-se a verdade, sem preâmbulos - sedenta de distrações. Moços tristes, moços cabisbaixos, ou são exceções ou são doentes. Necessário é, portanto, canalizar essas energias para atividades construtivas e úteis. Entre estas está, por certo, a educação física<sup>43</sup>.*

Entre a beleza do trabalho e os objetivos propostos é possível perceber uma visível preocupação com a unidade da Igreja frente os desafios do novo século. Destacamos ainda que o número de denominações evangélicas existentes além de pequeno, resumia-se em sua maioria em Igrejas de tradição Presbiterianas e Reformadas, bem diferentes da explosão denominacional existente em nossos dias.

Inspirados no paradigma histórico da escola dominical e de sua força ao longo dos anos, nosso próximo passo será apontar algumas pistas que demonstram a necessidade e validade da instituição, independente das dificuldades e mudanças sócio/culturais do nosso tempo. Para tanto, necessitamos discutir a importância da Escola Dominical em um ângulo maior do nosso trabalho, que

---

<sup>42</sup> Segunda Convenção das Escolas Dominicais do Estado de São Paulo, Imprensa Metodista, São Paulo, 1933, p.7.

<sup>43</sup> CAMPELLO, J;F. *Educação Física e Recreações entre os alunos da Escola Dominical*. Em: Segunda Convenção das Escolas Dominicais do Estado de São Paulo, Imprensa Metodista, São Paulo, 1993, p. 68.

analisar sua presença como uma das forças de educação cristã das nossas Igrejas. De forma alguma podemos resumir o ato de educar ao papel da ED, pelo contrário, precisamos considerar sua força como sendo um dos diversos instrumentos de educação cristã.

### **3. Escola Dominical como produção de vida**

Pierre Furter, em seu livro *Educação e Vida*, apresenta uma cuidadosa análise dos diversos problemas sociais do nosso tempo com destaque maior voltado à adolescência e juventude. Em sua opinião, somente podemos dizer que o ato de ensinar foi produtivo quando mudanças significativas foram percebidas na vida do educando(a) somadas à uma profunda vontade de viver. Para Furter, educação deve gerar alegria de viver, proporcionando esperança no coração de cada educando(a).

*A Educação tem entre outras funções, a de diminuir, corrigir e contribuir para a edificação da ordem que pretendemos dar em nosso tempo ao mundo. Claro que esta função estende a ação educativa além das fronteiras tradicionais dos sistemas escolares; por isso mesmo estamos hoje pensando numa atividade educacional que siga continuamente a vida humana.*<sup>44</sup>

Nesta mesma perspectiva, quando analisamos o conceito bíblico de ensino, somos confrontados com um dos mais desafiadores dons ofertados pelo Criador. Na orientação paulina, quem ensina deve se esforçar ao máximo para conseguir o melhor (Romanos 12:7b). O ministério educativo ofertado pelo Espírito Santo, é algo belo e de profunda recompensa, porém complexo, exigente e de longa duração.

No ambiente da Escola Dominical, necessitamos considerar que trabalhamos com as mais diversas faixas etárias que compõem o desenvolvimento humano, sendo indispensável o respeito à formação física, psicológica, social, cultural e espiritual das pessoas. Nossas classes estão repletas de alunos(as) que semanalmente mergulham nas mais diversas crises que a sociedade lhes impõe. Essas crises estão representadas pelas questões familiares, pelo desemprego, doenças e todo o tipo de violência existente em nossa sociedade. Exatamente em meio às crises do nosso tempo deve surgir uma proposta de educação comprometida com a vida e seu desenvolvimento.

Apesar das dificuldades, crises e inclusive esvaziamentos, a Escola Dominical continua sendo instrumento divino para a salvação de vidas e fortalecimento do Corpo de Cristo. É neste departamento da Igreja que temos oportunidade de contato com as mais diversas faixas etárias, conhecendo-as de forma mais profunda e procurando ensiná-las à luz das Escrituras.

Quando pensamos em nossa posição diante de tudo isso, somos questionados a apresentar respostas visíveis que dêem razão da nossa fé à moda do

---

<sup>44</sup> FURTER, Pierre, *Vozes*. São Paulo, 1987, p. 31.

apóstolo Pedro quando escrevia aos cristãos da diáspora (I Pedro 1:1-2). Preocupado com desenvolvimento espiritual daquele grupo de irmãos, desafiou-os a persistirem em uma vida de santidade (1:13-15), partindo do exemplo de Cristo e de seu procedimento quando presente fisicamente na terra. Ao nos posicionarmos frente aos ataques do mundo moderno estaremos defendendo a bandeira da vida e por ela lutando para a devida construção do Reino de Deus.

### **3.1 Educar para Edificação do Corpo de Cristo**

A fundamentação bíblica referente à educação cristã nos remete diretamente à edificação da Igreja como sendo Corpo de Cristo. Ele mesmo nos convoca a tão importante missão, partindo do princípio que somos luz do mundo e sal da terra (Mateus 5:13-16), que se edifica em um corpo bem ajustado e consolidado (Efésios 4:7-16), tendo em vista que já descobrimos, através da orientação bíblica, quais são os melhores dons ( I Coríntios 12).

O trabalho educativo da Igreja deve levá-la a se tornar uma voz profética que denuncia o mal e anuncia a esperança de um novo tempo frente aos inúmeros reinos de morte. É possível identificar a validade do programa educativo da Igreja, quando o mesmo estiver também, sendo instrumento divino para a edificação da sociedade. De outra forma, nossos alicerces pedagógicos estarão seriamente comprometidos. Trabalhar para edificação do corpo significa investir em uma vida saudável, alimentada pela Palavra de Deus e envolvida com as necessidades humanas.

À luz de Efésios 4:11-14, a Igreja chega à maturidade plena quando compreende, através do ensino, que a vocação divina distribuiu os dons segundo a capacidade de cada membro. Uma Igreja que se submete à autoridade do Espírito Santo aprende que o crescimento do Corpo é dirigido pelo próprio Deus que a chamou. Com isso, atinge a sua plenitude, consolidada e ajustada segundo a orientação do próprio Cristo.

*Reflexão:* De acordo com o ensinamento de Cristo, o Reino dos céus pertence às nossas crianças (Mateus 19:13-15). Como educador/a cristão, qual a importância que temos dados a elas, ensinando-as que são membros atuantes do Corpo de Cristo e participantes da construção do Reino de Deus?

### **3.2 Educar para a vivência de uma ética cristã**

VAZQUES, em seu importante trabalho sobre *Ética*, conceitua esta ciência, dizendo que:

*A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. A ética é a ciência da moral - de uma esfera do comportamento humano. Não se deve confundir a teoria com o seu objeto: o mundo moral. A moral não é ciência, mas objeto da ciência - é por ela estudada e investigada. A ética não é a moral,*

*portanto, não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições; sua função é explicar a moral efetiva e, neste sentido, pode influir na própria moral.*<sup>45</sup>

A palavra *moral* vem latim *mos* ou *mores*, que significa costume ou costumes, no sentido de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábitos. A moral se refere ao comportamento adquirido ou modo de ser conquistado pelo homem. *Ética* vem do grego *ethos*, que significa analogicamente, modo ser. Portanto, temos *ethos* + *mos* = *caráter e costume*.

Observando tal definição não é difícil reconhecer que vivemos em nossa sociedade mergulhada em uma profunda crise ética. Esta crise apresenta-se em forma de discurso, de promessas, de comportamentos, de desajustes familiares e sociais, enfim, sobre as mais diversas formas que influenciam o discurso social. Quando partimos do princípio de que ética e moral caminham juntas, ficamos ainda mais assustados. Com absoluta certeza é possível afirmar que vivemos uma ética do discurso e não de resultados.

Quando utilizamos acima não somente a palavra ética, mas também a adjetiva “cristã”, o fizemos de forma proposital. Há diversos modelos éticos presentes na sociedade. Em outras palavras, cada grupo social elabora o seu código de ética que analisa o comportamento moral dos seus indivíduos. Estar ou pertencer a um determinado grupo significa comprometer-se com sua conduta. Educação cristã existe para formar pessoas com o caráter de Cristo. Vidas comprometidas com vidas, sendo transformados em verdadeiros cidadãos(ãs). Uma educação somente será verdadeiramente cristã quando a Igreja de Cristo apresentar-se perante a sociedade de forma coerente com seu discurso diário, conseqüentemente, comprometida com os verdadeiros princípios do Reino de Deus.

*Reflexão:* Inúmeros pensadores definem ética como sendo a ciência que estuda e orienta o comportamento social das pessoas (caráter). Nossos adolescentes são influenciados pelas mais diversas questões do nosso tempo. Será que o nosso comportamento como cidadão, profissional e cristão tem sido testemunho vivo para a formação do caráter dos alunos/as que freqüentam nossas escolas dominicais?

### **3.3 Educar com Planejamento e Organização**

Uma das grandes marcas do povo brasileiro e latino-americano é a improvisação. O excesso de organização muitas vezes nos incomoda. Esse mal que nos acompanha em diversas ocasiões, se não diagnosticado e tratado, tende a provocar grandes enfermidades em nosso contexto religioso. Nossas igrejas têm vivido há décadas nessa escola do improviso, onde quem tenta provocar uma organização, é recebido como sendo fonte de provocação.

---

<sup>45</sup> VASQUES, Adolfo Sanches. *Civilização Brasileira*. 8ª ed. Rio de Janeiro, 1985 p. 12-14.

As recentes estatísticas têm mostrado que o grande problema da nossa educação no ensino fundamental não é tanto a falta de escola. O principal desafio é fazer com que as crianças permaneçam na escola e completem a sua formação básica. É uma situação diferente do tempo de Lutero, quando este lutava para que os pais enviassem seus filhos à escola. Será que como igreja não vivemos o duplo problema nos dias modernos? Se por um lado lutamos por uma educação cristã renovadora, por outro enfrentamos o esvaziamento das escolas dominicais em muitas das nossas Igrejas - muitas vezes devido à falta de compromisso de pais e professores/as, que vivem a improvisar a seus métodos de ensino e conduta de vida cristã.

A prática da improvisação tem gerado inúmeros estragos no desenvolvimento dos diversos ministérios presentes em nossas comunidades. Com nossas classes de Escola Dominical não tem sido diferentes. Paulo, escrevendo a Timóteo e a Tito deu-lhes instruções claras e determinantes de que organização é um princípio vivo de quem pretende servir ao Reino de Deus. Instruções de como proceder no culto (I Timóteo 2:8-15), na preparação de oficiais para exercício do ministério (I Timóteo 3; Tito 1:5-9) e quanto aos seus deveres frente as diversas faixas etárias (I Timóteo 5:1-2), são freqüentes e bem claras nas pastorais.

Um ministério educativo abençoado deve ser marcado pela organização. Não é possível viver e proclamar a mensagem de um Deus organizado, de maneira desorganizada. Inúmeros problemas poderiam ser evitados se nossas igrejas deixassem de improvisar, a começar pela formação de sua liderança. Podemos dizer que a improvisação é uma grande ameaça para a igreja neste novo milênio, onde somos bombardeados por novas religiosidades e os mais diversos comportamentos religiosos. Interessante notar que muitos pensam que essas religiões não são organizadas. Imaginem se fossem! Repensar o ministério educativo a partir de um mínimo de organização é procurar cumprir princípios do Reino instalado por Cristo. Com isso, atingiremos nosso objetivo máximo que é promover uma crítica severa a todas as manifestações de pecado, alcançando a salvação do pecador. Em outras palavras, com um trabalho educativo organizado, vidas também se reorganizarão à luz da Palavra de Deus.

*Reflexão:* Faz-se urgente a necessidade de pensarmos, sobre quais são os motivos que nos levam à Igreja e mais seriamente, sobre quais são os motivos que nos desmotivam a freqüentá-la. Carecemos de uma educação cristã inteligente e motivadora, onde todos, com alegria estudem a Palavra de Deus. Como anda a organização didática e pedagógica dos departamentos da sua Igreja?

### **3.4 Educar com o Compromisso de Aprender**

Em toda e qualquer atividade humana, o aparecimento de resultado considerado eficaz, exige de quem a executa uma dose de competência. Esta competência não surge por obra do acaso, mas é resultado de uma busca constante de inúmeros conhecimentos. A orientação de Paulo a Timóteo era

que se dedicasse “à leitura, à exortação e ao ensino” (I Timóteo 4:13), ou seja, à prática do estudo como necessidade básica para a sua formação.

A leitura deve ser a companheira inseparável de todo o educador/a cristão. Quem se propõe a ensinar e não lê, ou lê apenas um tipo de literatura, corre o risco de tornar-se personalista, não conseguindo ver o mundo além dos seus próprios óculos. É preciso estar aberto ao estudo e à pesquisa, para que tenha condições de exortar e ensinar com autoridade.

*Ninguém aprenderá algo de grande significado na Escola Dominical, nem em outra parte do programa da Igreja, a não ser que esteja à procura de algo de grande significado. A pessoa que aprende sempre tem alguma coisa em jogo; ela se dá à busca; ela se arrisca no empreendimento; ela utiliza todas as suas habilidades, recursos, talentos e imaginação para alcançar seu alvo. O trabalho do (a) educador (a), então, é ajudar seus alunos e alunas a: 1) esclarecer o que precisam saber; 2) encontrar um método a ser usado na descoberta.*<sup>46</sup>

Uma cuidadosa observação na história da reforma nos leva a concluir que a educação não foi uma preocupação secundária dos reformadores; pelo contrário, sempre esteve presente em seus discursos, e principalmente de forma prática e ativa. Temos como exemplo, o próprio Lutero, que ao ver que os pais não tinham material para ensinar seus filhos, escreveu o Catecismo Maior; aconselhou os príncipes da época a criarem escolas, bem como opinou sobre o conteúdo que deveria ser ensinado. Não apenas incentivou seu povo a ler a Bíblia, mas traduziu-a ao alemão para que todos tivessem acesso.

Lutero escrevia com ironia, dizendo que o diabo estava contribuindo para a grande ignorância do seu povo e isso afetava de forma muito especial a juventude. Creio que nossa situação não é nem um pouco diferente. Criamos deuses, fabricamos ídolos e os entregamos aos nossos filhos em plena juventude, sem considerar os grandes estragos na formação.

Visivelmente constatamos que a prática do estudo pela maioria do povo brasileiro, tem sido coisa rara. Estudamos muito pouco, conseqüentemente sabemos muito pouco. Sem dúvida, esse é um dos motivos das inúmeras crises que presenciamos. Citamos, por exemplo, casos de líderes que com o primeiro vento de doutrina mudam completamente de posição e princípios. É claro que quando não se tem um mínimo de firmeza doutrinária e de conhecimentos gerais, o argumento acaba rapidamente e é preciso apelar a um novo tipo de ministério como garantia de sobrevivência.

Naquilo que se refere à educação cristã, o interesse pelo estudo e principalmente pela leitura da Bíblia deve ser fator determinante a todos os que desejam trabalhar na formação de vidas. Como ensinar uma história bíblica sem conhecê-la com profundidade?

---

<sup>46</sup> ANDERSON, Phoebe M. *Viver e Aprender na Escola Dominical*. Imprensa Metodista, São Paulo, São Bernardo do Campo, 1986 p. 5/76.

*Reflexão:* Há alguns, em uma pesquisa, fizemos uma triste constatação: cada vez menos nossos professores/as estão lendo a Palavra de Deus. Como anda a nossa disciplina naquilo que se refere ao preparo das nossas aulas e principalmente à leitura bíblica?

### **Considerações finais**

À luz dos registros históricos que reforçam a importância da Escola Dominical na formação cristã, e dos temas tratados acima, creio que podemos pontuar algumas considerações fundamentais à reflexão e ao debate.

- a) Negar a importância da Escola Dominical como paradigma histórico, seria desprezar grande parte da história da Igreja em todo mundo;
- b) Desconsiderar o trabalho iniciado por Robert Raikes, quando do surgimento da Escola Dominical, nos levaria a um confronto entre uma espiritualidade baseada tão somente na construção de templos e de uma outra fundamentada na salvação de vidas;
- c) Analisar a importância da Escola Dominical à luz dos objetivos que determinaram sua organização, e do trabalho desenvolvido junto aos menores carentes da época, nos convida a refletir sobre os diversos campos de atuação missionária das nossas comunidades;
- d) Considerar a validade de uma escola que há mais de duzentos anos vem formando homens e mulheres e que oferece em seu currículo uma formação cidadã, é reconhecer a presença visível de sinais do Reino de Deus;
- e) Necessitamos à moda da estória caribenha registrada em nossa introdução, tomar o devido cuidado para que em nossa função educativa, não nos apresentemos como “feiticeiros” modernos a anestesiarem nosso povo com os mais diversos feitiços do nosso tempo;
- f) Que os nossos antídotos tragam novamente à vida, morto-vivos que estão longe da graça suprema de Deus, proporcionando paz e segurança aos que semanalmente freqüentarem nossas escolas dominicais.

**Silas de Oliveira**

Presidente do Seminário Teológico “Rev. Antonio de Godoy Sobrinho”  
Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo

# LEIS, INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

## Introdução

Para refletir a educação cristã, mais especialmente aquela que acontece na escola bíblica dominical, aproximamo-nos do tema em um dos períodos da tradição judaica mais importante que é justamente aquele em que o redator bíblico usa de leis e códigos legais para imprimir na comunidade o desejo de Deus ao povo.

Por certo há toda uma teologia e ideologia por trás da confecção desses textos legais. Nosso objetivo não é investigar esses motivos teológico-religiosos mas sim aprender, com o processo legal, sobre educação no Antigo Israel.

Para tanto usaremos códigos legais registrados na bíblia hebraica, bem como demais textos legais do mesmo período ou mais antigos ainda. Acreditamos que a pesquisa desse aparato textual nos permitirá desvendar questões fundamentais sobre eficácia de um sistema pedagógico que perdura milênios, pois qual o segredo da permanência de uma tradição tão antiga? Essas questões inquietam educadores atuais e nos fazem refletir sobre nosso próprio processo educativo, nossas próprias ferramentas pedagógicas e nossos próprios códigos legais.

## 1. Códigos Legais no Antigo Oriente

Uma das mais antigas civilizações, a egípcia, não deixou em seu legado literário um código de leis como deixaram outros povos antigos. Os egípcios acreditavam que o faraó em pessoa e não a lei que deveria reger o povo, pois ele era a representação divina na terra. Tanto isso é verdade que não existe na língua palavra para “lei”, a que mais se aproxima é *ma’at* a qual cobre o conceito de *justiça* e *verdade*, atributos divinos do próprio faraó.<sup>47</sup>

Assim como acontece no Egito acontece na Babilônia, não há palavras que significam “lei” de maneira específica. O conceito de lei é dado aos reis que governam e os juízes que decidem com justiça - *mesharu* e verdade - *kittu*. Dois textos nos chamam a atenção: “O código de Hammurabi” (The code of Hammurabi); “As leis de Ur-Nammu” (The laws of Ur-nammu). Os códigos legais no Antigo Oriente não apresentam uma marcante distinção em relação as leis e instruções apresentadas na bíblia hebraica. Por essa semelhança é que consideramos interessante a análise desses códigos legais mais antigos.

### *O código de Hammurabi*

---

<sup>47</sup> Roland de Vaux. *Ancient Israel, Its life and institutions*. p.145.



*Hammurabi* foi o 6º de onze reis na antiga Babilônia da dinastia Amorita. Ele governou por 43 anos, de 1728 à 1686 de acordo com os mais recentes cálculos. No início de seu reinado *Hammurabi* editou a lei chamada “Código de *Hammurabi*”. Contudo a cópia que se tem hoje não pode ter sido escrita tão cedo, pois o prólogo se refere a acontecimentos muito posteriores à data referida acima. A cópia existente está registrada em uma estela de diorita. A parte superior da estela mostra *Hammurabi* sendo comissionado para escrever as leis direto do deus da justiça, o deus-sol *Shamash*.<sup>48</sup>

14: “*Se um homem roubar o filho de outro homem, deverá ser morto.*” (Êxodo 21:16).

21: “*Se um homem fizer um buraco numa casa (para roubá-la) ele será morto na frente do buraco e emparedado no mesmo.*” (Êxodo 22:2-3).

24: “*Se uma vida se perder (morrer) a cidade e o governador deverão pagar 1 mina (aproximadamente 500 gramas) de prata para seu povo.*” (Deuteronômio 21:1).

### *As leis de Ur-Nammu*

*Ur-Nammu* (2112-1095 a.C.) foi o fundador da 3ª dinastia de *Ur*, o construtor da mais preservada *Zigurate* (altas edificações características desse período com formato semelhante a pirâmides) na antiga Mesopotâmia. A maior parte da literatura desse período é conhecida apenas por cópias produzidas por escribas em *Nipur* e *Ur* em aproximadamente 1800-1700 a.C.<sup>49</sup>

Segue abaixo modelos dessas leis de *Ur-Nammu*. Possivelmente, um mesmo modelo de lei mais antigo tivesse sido usado pelos diversos povos semitas.

5: (232-239) “*Se um homem agir com força e deflorar uma virgem, mulher-escrava de outro homem, este homem deverá pagar cinco shekels de prata.*”

22': (B,28) “*Se a mulher-escrava de um homem se comparar com sua senhora (mulher primeira do mesmo homem), e falar insolentemente com ela ou ele, sua boca deverá ser lavada com sal.*” (veja: I Samuel 1).

## **2. Códigos Legais no Antigo Testamento**

A bíblia hebraica, Antigo Testamento, reserva em seu conteúdo uma série de blocos textuais chamados códigos legais. Alguns desses blocos textuais são denominados “códigos”, também prescrição ou orientação, ainda assim, tem o mesmo significado dos códigos legais.

Um bloco de orientações, como esses mencionados acima, é o “Código de Santidade” registrado em Levítico 17-26. Outro bloco textual, ainda mais enraizado na tradição judaica, é a *Torá*.

### *Torá (Gênesis-Deuteronômio)*

<sup>48</sup> James B Pritchard. *The ancient near east. An anthology of texts and pictures.* p.138.

<sup>49</sup> James B Pritchard. *The ancient near east. An anthology of texts and pictures II.* p. 31.

A palavra *Torá* significa ensino, também comumente traduzida por instrução. Contudo ganhou força na tradição judaica a tradução da palavra *Torá* por lei. De Vaux escreve que:

A *Torá* significa em primeiro lugar ensinamento, doutrina, decisão entregada por uma ocasião especial. Coletivamente, a palavra significa todo o corpo de regras que governa o relacionamento do homem com Deus e dos homens entre si. Finalmente a palavra significa os cinco primeiros livros da bíblia, o Pentateuco, contendo a instrução de Deus para seu povo, as instruções que seu povo deve observar em seu comportamento moral, social e religioso.<sup>50</sup>

Outro significado para a palavra *Torá* é encontrado no Dicionário da Editora Nova Vida que traz:

Motivado pelo amor, Deus revela ao homem a compreensão básica de como viver uns com os outros e como se aproximar de Deus. Através da lei Deus mostra seu interesse por todos os aspectos da vida humana, a qual deve ser vivida debaixo da direção e cuidados divinos. A lei de Deus está em paralelo como a palavra do Senhor para indicar que a lei é a revelação da vontade de Deus, (Isaías 1:10).<sup>51</sup>

Não apenas o significado da palavra *Torá* tem a ver com instruir como essa instrução/orientação conduz o judeu ou fiel por caminhos que revelam a vontade de Deus.

Outra porção textual, que faz parte da *Torá*, é chamada de “Decálogo”, ou “Dez palavras” de YHWH. Essa porção textual pode ser encontrada na bíblia hebraica em dois lugares distintos: Êxodo 20:2-17 e Deuteronômio 5:6-21. O texto de Êxodo é transcrito abaixo:

<sup>2</sup> *Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.* <sup>3</sup> *Não terás outros deuses diante de mim.* <sup>4</sup> *Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.* <sup>5</sup> *Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem* <sup>6</sup> *e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.* <sup>7</sup> *Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.* <sup>8</sup> *Lembra-te do dia de sábado, para o santificar.* <sup>9</sup> *Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra.* <sup>10</sup> *Mas*

<sup>50</sup> Roland de Vaux. *Ancient Israel, Its life and institutions*. p. 143.

<sup>51</sup> R. Laird Harris, Gleason L. Archer, Jr. Bruce K. Waltke. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 662.

*o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; <sup>11</sup> porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou. <sup>12</sup> Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá. <sup>13</sup> Não matarás. <sup>14</sup> Não adulterarás. <sup>15</sup> Não furtarás. <sup>16</sup> Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. <sup>17</sup> Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo. (Êxodo 20:2-17).*

#### *Código da Aliança (Êxodo 20:22-23:33)*

Pode-se afirmar que o Código da Aliança é uma lei para a federação tribal. Isso significa que o momento possível para edição e promulgação da lei referida é bem antiga, de data que antecede a constituição do Israel Antigo como Estado (monarquia). Pode-se também dizer que o contexto da lei fosse para pastores, o camponês.

O código apresenta leis e orientações acerca de sentenças e julgamentos da vida civil e criminal e tem claramente uma porção central, Êxodo 21:1-22:16:

*São estes os estatutos que lhes proporás: Se comprares um escravo hebreu, seis anos servirá; mas, ao sétimo, sairá forro, de graça. (Êxodo 21:1 e 2).*

#### *Deuteronômio (Deuteronômio 12-26)*

O texto em discussão traz consigo um tipo de corpo legal que poderia ter se originado por diversas fontes e formas. Uma parte do texto repete orientações do “Código da Aliança”, outra orienta escravos, o culto, o santuário. Aparentemente esse texto foi revisado e mudado à medida da necessidade dentro de um contexto de evolução sócio-religioso.

Essa porção legal do livro de Deuteronômio parece ser de origem mais ao norte de Israel, possivelmente fora trazido para Judá após a destruição de Samaria 722. Por certo, contudo, é o mesmo corpo legal encontrado no templo no tempo de Josias (II Reis 22:8). Ele contém elementos antigos de narrativa que parecem elucidar características do Reino do Norte.

*São estes os estatutos e os juízos que cuidareis de cumprir na terra que vos deu o SENHOR, Deus de vossos pais, para a possuídes todos os dias que viverdes sobre a terra. (Deuteronômio 12:1).*

#### *Código de Santidade (Levítico 17-26)*

O assim chamado “Código de Santidade” (Levítico 17-26) é apresentado à comunidade judaica em um momento em que a estrutura sócio-religiosa de Judá entra em colapso,<sup>52</sup> ou seja, para que o povo não perca sua identidade ele é apresentado como alternativa para sua própria subsistência. O ideal de reconstrução da vida sócio-religiosa de Judá passava necessariamente pela reconstrução templar com ênfase na reconstrução de sentido ético-moral bem como religioso através das regulamentações divulgadas no “Código de Santidade”. Ivo Storniolo escreve que os capítulos 17-26 de Levítico compõem a parte mais antiga de todo Levítico.<sup>53</sup>

Aceita-se os séculos VI e V como o momento para a construção final de todo o texto. Essa datação é fortemente sugerida pela relação de aproximação que tem o “Código de Santidade” com Ezequiel e com a mensagem do capítulo 26 de Levítico que evidencia situação de exílio. No entanto, Jacob Milgrom deixa claro que: “sobre o texto de Levítico há tantas teorias, concernentes às regulamentações e às prescrições, quanto há também teóricos”.<sup>54</sup> Seja como for o “Código de Santidade” é uma obra final do período em que o Império Persa governava a região.

O reconhecimento de que os capítulos 17-26 de Levítico formam um único bloco temático corresponde ao antigo trabalho de A. Klostermann em 1877.<sup>55</sup> O nome “Código de Santidade” foi dado por A. Klostermann, todavia Levítico 17-26 já havia sido isolada como unidade separada por Graf (1866), e quase um século mais tarde por Julius Wellhausen (1963). Apesar de haver grande controvérsia sobre a questão, a data mais provável para a unidade 17-26 é a do exílio na Babilônia e os anos seguintes,<sup>56</sup> como afirmado acima. O nome “Código de Santidade” deriva do reconhecimento e da ênfase na fórmula: *santos sereis, pois santo eu sou, YHWH vosso deus* (Levítico 19,2; 20,7 e 26). Evidentemente que toda a porção textual dos capítulos que compõem o “Código de Santidade” trabalha dentro do sentido de santidade cultural, ética e sexual do povo diante de seu Deus e dos povos vizinhos.

Ivo Storniolo escreve a respeito da situação dos exilados no evento do retorno a Judá:

Exilados no estrangeiro o grande desafio para os judaítas era a conservação da própria identidade cultural e religiosa, já que a independência político-econômica se tornara impossível. Os exilados tinham que se manter articulados de forma que lhes

---

<sup>52</sup> Peter R. Ackroyd. *Exile and Restoration: A Study of Hebrew Thought of the Sixth Century B.C.* The Old Testament Library. 1968, p.84.

<sup>53</sup> Ivo Storniolo. *Como ler o livro do Levítico. Formação de um povo santo.* 1995, p.48.

<sup>54</sup> Jacob Milgrom. *Leviticus 1-16. A new translation with introduction and commentary.* 1991, p.718.

<sup>55</sup> Citado por Peter R. Ackroyd. *Exile and Restoration: A Study of Hebrew Thought of the Sixth Century B.C.* The Old Testament Library. 1968, p.87. A. Klostermann. *Beitrag zur Entstehungsgeschichte des Pentateuchs.* ZLThK 38 (1877), pp.401-445 = *Der Pentateuch* (Leipzig, 1893), p. 368-418: “Ezechiel und das Heiligkeitsgesetz”. David Noel Freedman sugere outra data para o trabalho de Klostermann: 1893. *The Anchor Bible Dictionary.* Vol 3, 1992.

<sup>56</sup> David Noel Freedman. *The Anchor Bible Dictionary.* Vol 3, 1992.

possibilitasse uma prática simbólica - feita de usos e costumes - que os distinguisse e os separasse, ou seja, os tornasse santos, separados e distintos das outras nações. O código de santidade é, portanto, um esquema de sobrevivência de identidade (...)

(...) No início e no fim do capítulo 18, tem-se orientações para que Israel não se comporte como as nações, conforme os costumes sexuais dos estrangeiros. Numa retrospectiva citam-se explicitamente Egito e Canaã. Ora tanto num como no outro lugar havia o costume das famílias dos reis de prolongar a descendência no poder graças as relações endógamas, dentro da família, o que não podia acontecer senão por incesto. Israel é proibido de fazer o mesmo.<sup>57</sup>

Nota-se, com o que fora apresentado acima, que o “Código de Santidade” deixou sua marcante presença na comunidade para que essa mesma se comportasse de forma distinta das outras nações.

O que dá propriedade ao “Código de Santidade” para assim ser chamado é a presença da fórmula de santidade em Levítico 19,2; 20,26: *santos sereis, pois santo eu sou, YHWH vosso deus*.<sup>58</sup>

É pertinente afirmar que há outros códigos legais na bíblia hebraica que não foram mencionados aqui e que essa caracterização de divisão textual que fizemos no presente trabalho não é unanimidade e carece de apreciação posterior.

### **3. Função e significado da lei nos textos sagrados**

O que apresentamos até o momento foi uma pesquisa bastante superficial sobre leis e códigos legais em povos do Antigo Oriente e na bíblia hebraica. Nosso desejo foi salientar a similaridades existentes entres esses mesmo códigos e suas funções na história.

É importante mencionar que essas leis ou códigos são todos, aparentemente semelhantes, pois correspondem a um período e região comum. Apesar de serem códigos separados que legislam temas diferentes e variados. Esses códigos poderiam ser chamados de códigos “orientais”.

As leis no antigo oriente eram divididas de duas formas: a primeira chamada *casuística*, se referia as leis que apresentam uma fórmula de condição “se” ou “suponha que” exemplo: *Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao pobre que está contigo, não te haverás com ele como credor que impõe juros*, (Êxodo 22:25). A segunda forma legal contida nos códigos antigos era a *apodítica*, se referia a ordens e mandamentos em segunda pessoa, exemplo: *Não afligirás o forasteiro, nem o oprimirás; pois forasteiros fostes na terra do Egito*, (Êxodo 22:21).

---

<sup>57</sup> Ivo Storniolo. *Como ler o livro do Levítico. Formação de um povo santo*. 1995, p.48-51.

<sup>58</sup> Dallmer P R de Assis. *A homossexualidade desconstruída em Levítico 18:22 e 20:13*. p.73.

Acredita-se que essas leis e orientações *casuísticas* eram leis das quais os israelitas aprenderam quando possuíram a terra prometida, leis então de origem cananita. Essa suposição é mera adivinhação pois não se tem relato da existência de códigos legais na região em período tão antigo. A forma *opodítica* teria sido a forma mais antiga da lei israelita, regulamentação de culto e religião.

Seja qual fosse a forma da lei ou regulamentação, fosse lei secular ou religiosa ela determinava o processo educacional religioso do povo. Isso porque não se podia distinguir entre leis e códigos estatais que não estivessem estreitamente ligados à religião. Ainda, como no Código de Santidade, mesmo que as regulamentações não dissessem de culto e religião claramente as mesmas guardavam em seu escopo esse pano de fundo religioso.

No caso das leis dos povos no antigo oriente ou eles tinham um representante divino na terra ou o próprio rei, chefe, senhor terreno era considerado deus e se encarregava de apresentar a lei. No caso de Israel sabemos que lei/instrução era orientação do próprio Deus que usava profetas e sacerdotes para serem guardadores da lei.

Assim a lei na bíblia hebraica tinha uma característica e função bastante peculiar, ser a expressão da vontade de Deus revelada em seu povo por meio da aliança “*berit*” feita com o mesmo:

*Subindo eu ao monte a receber as tábuas de pedra, as tábuas da aliança que o SENHOR fizera convosco, fiquei no monte quarenta dias e quarenta noites; não comi pão, nem bebi água. (Deuteronômio 9:9).*

A aliança precede a lei. Por estarem tão intimamente ligadas quase não se pode dividi-las, assim, infringir uma é renegar a outra. Essa mesma aliança confere ao povo a ciência de viverem sob as orientações de um Deus que escolheu um povo para ser seu. Viver, ensinar, aprender a lei na comunidade judaica é também viver o testemunho do amor e da compaixão de Deus ao povo escolhido e essa compreensão da lei gerava no povo sentimento de apreço e dedicação pela mesma lei como retribuição de terem sido escolhidos. Os versos de Deuteronômio 6:20-25 testemunham do sentimento e da pedagogia praticada no Antigo Israel em relação as leis divinas:

*Quando teu filho, no futuro, te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos, e estatutos, e juízos que o SENHOR, nosso Deus, vos ordenou? <sup>21</sup> Então, dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o SENHOR de lá nos tirou com poderosa mão. <sup>22</sup> Aos nossos olhos fez o SENHOR sinais e maravilhas, grandes e terríveis, contra o Egito e contra Faraó e toda a sua casa; <sup>23</sup> e dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que sob juramento prometeu a nossos pais. <sup>24</sup> O SENHOR nos ordenou cumpríssemos todos estes estatutos e temêssemos o SENHOR, nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em*

*vida, como tem feito até hoje. <sup>25</sup> Será por nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o SENHOR, nosso Deus, como nos tem ordenado.*

## **Conclusão**

A educação religiosa na sociedade israelita da antiga aliança estava ligada à lei. A lei instruíra, orientava, regia as funções dos sacerdotes perante o culto dos juízes diante das circunstâncias cotidianas e o relacionamento familiar de modo geral. Portanto, o processo educacional daquela sociedade se confundia com a lei. Ela é o sentido da educação não havia educação religiosa sem lei/instrução.

Nossas igrejas à muito necessitam resgatar essa função dos códigos e da lei no sentido de sabermos que elas mesmas funcionam para nos aproximar de Deus. Todo o aparato legal contido na bíblia hebraica funciona para nos revelar o amor e a graça de Deus para com seu povo.

Assim, amar a lei é amar a Deus, zelar pela lei/instrução é zelar por um relacionamento com Deus mais sadio, ensinar a lei é ensinar de Deus e sua vontade para nós. O Salmo 119:72 diz: *Para mim vale mais a lei que procede de tua boca do que milhares de ouro ou de prata.*

## **Referências Bibliográficas**

- ACKROYD, Peter R. *Exile and Restoration: A Study of Hebrew Thought of the Sixth Century B.C.* The Old Testament Library. Philadelphia: The Westminster Press, 1968, 286p.
- ASSIS, Dallmer P. R. *A homossexualidade desconstruída em Levítico 18,22 e 20,13.* Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo: 2006, p.151.
- FREEDMAN, David Noel. (Editor) *The Anchor Bible Dictionary.* Vol 3. New York / London / Toronto / Sydney / Auckland: Doubleday, 1992, 1135p.
- MILGROM, Jacob. *Leviticus 1-16. A new translation with introduction and commentary.* The Anchor Bible. New York: Doubleday, 1991, 1163p.
- PRITCHARD, James B. *The ancient near east. An anthology of texts and pictures.* Fifth Princeton Paperback Printing. Princeton: 1971, 284p.
- R. Laird Harris, Gleason L. Archer, Jr. Bruce K. Waltke. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998.
- STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Levítico. Formação de um povo santo.* São Paulo: Paulus, 1995, 69p.
- VAUX, Roland. *Ancient Israel, Its life and institutions.* Grand Rapids & Livonia: William B. Eerdmans & Dove Booksellers, 1997, 592p.

**Dallmer P R de Assis**

Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Teológicas (FATAC)  
Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo

## A LEI DE ZONEAMENTO EDUCACIONAL

Escrever sobre a Escola Dominical é para mim lembrar as buzinas de meu pai, para em mais uma manhã de domingo tentar colocar dentro da Belina Corcel II todos os seus seis filhos e esposa. É lembrar das inúmeras gincanas bíblicas, estrelinhas na revista, dinheirinhos e meu eterno segundo lugar no concurso de freqüência (sempre atrás da filha da zeladora!). É lembrar dos muitos e muitos cânticos com seus inesquecíveis gestos.

Minha primeira abordagem ao tema proposto para este II Simpósio de Educação Cristã “Escola Dominical - Tradição x Pós-modernidade” é: “O que é realmente a nossa tradição de ensino como igreja cristã?” Questiono isto por que na verdade quando se debate o assunto há um desprezo de séculos de história da igreja cristã (para não dizer ignorância) colocando ênfase em não muito mais que dois séculos de existência desta estrutura chamada Escola Dominical.

Volto a perguntar, de outra maneira: não existe nada mais tradicional (no sentido estrito da palavra) do que a Escola Dominical? O que dizer do modelo judaico centralizado na família? O que dizer do ensino dos catecúmenos praticado pelas primeiras comunidades cristãs? E ainda o que dizer do papel dos catecismos, seja para adultos ou crianças, aplicado pelos reformadores?

Questiono nosso conceito de tradição para poder confrontá-lo com este período da história quase “não rotulável” chamado de pós-modernidade. Conforme afirmou o teólogo Júlio Zabatiero algumas características deste período não precisam ser procuradas nos livros de sociologia, filosofia ou no meio acadêmico, elas já estão impregnadas nas próprias igrejas locais. Qual a igreja que atualmente não enfrenta dificuldades com a falta de compromisso, ou melhor, fidelidade? Porque as igrejas têm encontrado um número cada vez maior de peregrinos eclesiais? Porque nossos cultos estão se tornando tão subjetivos e emocionalistas?<sup>59</sup>

Afirmações como a do evangelista Billy Graham “tenho a convicção de que a escola dominical é o maior centro para ensinar ao povo da Palavra de Deus, bem, como por si mesma, uma tremenda força evangelística”<sup>60</sup>; e a do Rev. Vassilios Constantinidis “A Escola Dominical FOI, É e SERÁ sempre a mais importante organização da estrutura funcional de uma igreja cristã”<sup>61</sup> me fazem refletir se não precisamos ter a coragem de olhar a Escola Dominical com as lentes de Marcos 2:22 ou então de Marcos 2:27?

---

<sup>59</sup> ZABATIERO, Julio P.T. *A Missão da Igreja frente aos desafios da Pós-modernidade*.

Fotocópias sem data, local e editora. P.1-2

<sup>60</sup> MANUAL VIDA RADIANTE. *O Ensino Cristão*. São Paulo, Editora Vida: sem data. P.3

<sup>61</sup> CONSTANTINIDIS, Vassilios. Curso Especial sobre Escola Dominical - A Problemática da Escola Dominical. São Paulo, APEC, sem data. P.1



A principal questão, em minha opinião (e aqui me vejo sentado no ombro de gigantes), para enfrentar as mudanças causadas pela pós-modernidade é a transição de modelos de ensino/aprendizagem baseados no ensino formal para modelos que se equilibram com o ensino informal. Na década de 70 Lawrence Richards já afirmava: “Parece apropriado estar pronto para mudar nossa educação cristã para uma dependência maior de um modelo informal de ensino e uma independência maior dos modelos formais.”<sup>62</sup>

Concorda com ele Sherron Key George, autora de “A Igreja Ensinadora”<sup>63</sup>, no qual ela também afirma que no Antigo e Novo Testamento os modelos bíblicos de ensino enfatizam o desenvolvimento de estilo e vida e maturidade de pessoas e/ou da comunidade, isto é, a força de uma fé vivenciada. Este princípio nos ajudará com certeza nas discussões sobre conteúdos e currículos.

A própria pós-modernidade pode ser considerada uma reação ao império da razão, o que dentro da igreja pode ser visto como a oportunidade de terminar com o divórcio entre a ortodoxia e ortopraxia.

De certo modo sempre precisaremos de uma Escola, pois o ensino deve ser desenvolvido de maneira didática, programática e com uma estrutura educacional compatível com a pedagogia cristã. Sem dúvida precisaremos de uma Escola Bíblica porque nossa prioridade é o ensino cristão, levando em consideração a Bíblia como base escritural de nosso trabalho. Mas me pergunto se precisamos “apenas” ou “tanto” de uma Escola Bíblica Dominical? Richards ainda escreve “sobrecarregamos o sistema formal com tarefas para as quais ele não serve muito bem e subutilizamos o sistema informal em termos de certas capacidades que só ele tem.” (Richards p. 55).

Antes de concluir gostaria de explicar o motivo do título deste artigo e deixar alguns exemplos práticos e aprovados. Recentemente em nossa igreja surgiu a necessidade de reformar uma das nossas dependências, o que trouxe à tona a informação de que por causa da Lei de Zoneamento do município para a região central onde estamos situados não poderíamos mexer na estrutura externa já existente até certo ponto do terreno, podendo somente modificá-la internamente ou partir do limite permitido. O que quero dizer com isto: igrejas novas ou recém-formadas têm a possibilidade de arrojarem e implantar estruturas educacionais muito mais que igrejas antigas.

Muitas vezes nossa tradição e história se tornam para nós como uma Lei de Zoneamento, porém isto não deveria nos levar ao comodismo, mas nos dar diretriz e discernimento do que ainda pode ser reformado e o que pode ser construído. Muitos afirmam e outros temem o fim da Escola Dominical, mas hoje, em tempo pós-moderno, precisamos ser prudentes para não derrubar o que podemos reformar e utilizar com eficiência e derrubar onde podemos construir livre e corajosamente.

---

<sup>62</sup> RICHARDS, Lawrence O. *Teologia da Educação Cristã*. São Paulo, Edições Vida Nova, 1980. P.54

<sup>63</sup> GEORGE, Sherron K. *Igreja Ensinadora - fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. Campinas, LPC Comunicações, 2003, 2ª ed.

Permitam-me citar exemplos de Igrejas com muitas décadas de história de tradição, isto é, com “Leis de Zoneamento” até mais severas que a nossa, mas que souberam reformar e construir. Na Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Londrina podemos destacar a utilização de cursos regulares em lugar das classes por faixas etárias (exceto crianças) bem a implantação de cursos intensivos aos sábados e retiros/seminários nos finais de semana. Na Igreja Presbiteriana Central de Manaus, a implantação de cursos regulares tem por padrão o tema ser baseado num determinado livro, ou seja, uma obra disponível no mercado editorial evangélico que servirá integralmente de texto-chave para o ensino. Em comum, ambas as igrejas estruturaram sua proposta pedagógica levando em consideração as etapas do crescimento e desenvolvimento espiritual de cada cristão.

Pode ser incluída nesta lista de exemplos a prática do discipulado individual ou em grupo, os estudos em grupos pequenos, o retorno da educação infantil aos lares e a disponibilização e indicação de materiais complementares como mensagens, artigos, livros e estudos, destacando-se as oportunidades oferecidas tendo por base a internet.

Que a respeito de nós não se diga que, por medo de mudanças e da severidade dos tempos pós-modernos que vivemos, enterramos nossas capacidades e oportunidades.

**Evandro Luís Moreira<sup>64</sup>**

Formado em Teologia pelo Seminário Teológico  
“Rev. Antonio de Godoy Sobrinho”  
Pastor auxiliar da 1ª IPI de Rio Preto

---

<sup>64</sup> Embora não tenha títulos ou graduações acadêmicas na área pedagógica o fato de desde os 03 anos de idade estar freqüentando a escola dominical sem ter tirado férias prolongadas ou então um saído numa temporada de “test drive” espiritual; de desde a adolescência ter assumido a tarefa de lecionar para quase todas as idades; de estar cansado de ler livros e manuais sobre o assunto e de principalmente sempre buscar uma resposta para as dúvidas sobre freqüência e eficiência do ensino na Igreja são as minhas credenciais para atrever-me a escrever este artigo.

## **A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA DE REVITALIZAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL**

“Uma igreja reformada sempre se reformando” é o lema da maioria das igrejas históricas, aquelas cuja essência está ligada ao advento da reforma protestante do século XVI. Muitas reformas (melhorias) já ocorreram desde a afixação das 95 teses de Martinho Lutero, na porta da igreja católica de Wittenberg. Certamente que muitas áreas de atuação da igreja mudaram ao longo desses últimos séculos, outras deixaram de existir porque caíram no desuso ou perderam sua relevância.

A Escola Dominical é uma proposta de ensino que surge no século XVIII, dois séculos depois da Reforma Protestante, mas é uma proposta que ainda está pulsando em muitas igrejas protestantes, as chamadas igrejas históricas e no caso nos referimos a nossa denominação especificamente, em que temos toda uma estrutura em torno da Escola Dominical, revistas, superintendente, secretário, classes por faixa etária, os encontros são dominicais e outras características.

Ao falarmos de Escola Dominical, optamos em utilizar a expressão Escola Bíblica. Quando nos debruçamos sobre o assunto igreja, entendemos que poderíamos esboçar duas áreas que são de fundamental importância, mas que hoje não se harmonizam mais, que é a música e a educação cristã em si.

A música sacra sempre foi um instrumento de ensino e não apenas de elevação da alma. Nesta abordagem precisamos tecer algumas considerações. Hoje a música é vista de várias maneiras. Alguns a enxergam apenas como um ato puro de adoração, outros como uma expressão artística para Deus e outros a vêem como um instrumento pedagógico de ensino a cerca das verdades bíblicas (nossa visão).

Para nos ajudar na compreensão disso que estamos falando, o Rev. Charles Melo de Oliveira, pastor presbiteriano e presidente do Conselho de Hinologia, Hinódia e Música da IPB em seu artigo sobre os benefícios da musica na igreja e os perigos do seu mau uso, tece considerações nesse sentido, de que hoje a música é vista até mesmo como um dom, sendo que se trata de talento concedido por Deus, porém ele nos fala do principal objetivo de levar a igreja a adorar, a pessoas exercerem seus dons (ensino, exortação) através de composições e no processo de evangelização (OLIVEIRA, 2007), que entendemos como ensino.

Em seu artigo sobre música, história e adoração, Guilherme Lieven, pastor luterano teceu o seguinte comentário:

*“música sempre está presente nos encontros com a vida e com Deus. A música com conteúdo de fé tem uma longa história. Ela tem o poder de ensinar, congregar, sintonizar, acalmar, animar;*

*também de facilitar o diálogo para além da razão, para além do objetivo e do óbvio. Ela é simples e matemática, mas, simultaneamente, complexa, múltipla; transcende aos horizontes possíveis das melodias, ritmos, culturas e regras fixas. A música é amiga da pluralidade e da beleza, do amor e do poder de Deus. Certamente, por isso ela é serviço, instrumento, motivação e conteúdo de evangelização". (LIEVEM, 2006).*

Uma das pessoas que enxergavam a música como um poderoso instrumento de ensino, foi o grande reformador alemão Martinho Lutero que no início do movimento da reforma protestante, escreveu entre tantos, um lindo hino intitulado de Castelo Forte, cuja melodia foi inspirada em uma canção popular alemã. Por que ele fez isso? Pois Lutero percebeu que a música era uma maneira prática de ensino.

Lievem escreve ainda que:

*"A partir da Reforma do século XVI surgiu em algumas comunidades cristãs uma musicalidade nova. Com uma nova teologia, com uma nova proposta comunitária de fé, nasceu também novas formas cantadas e musicadas de adoração e louvor a Deus. A música passou a ser um importante instrumento de divulgação e vivência dos ideais da Reforma. Lutero percebeu que poderia usar a música como suporte para a proclamação do Evangelho e da nova proposta teológica, comunitária e eclesial. Ele substituiu vários coros em latim e compôs hinos em alemão para serem cantados por toda a comunidade. Incorporou músicas novas e melodias populares, ajudando na popularização dos conteúdos e propostas da Reforma" (LIEVEM, 2006).*

Mas o que a música evangélica ou em que o louvor e adoração pode trazer de benefícios a nossa instituição chamada de Escola Bíblica? Precisamos nos lembrar das palavras de João Calvino em sua introdução ao saltério, quando ele escreve a cerca do poder da música, Calvino faz a seguinte reflexão sobre a música na vida da igreja:

*"E como de fato, sabemos por experiência, que ela (música) tem um poder sagrado e quase incrível de mover corações de uma forma ou de outra. Portanto, temos que ser por isso mesmo, mais diligente em regulá-la de tal forma que nunca seja usada por nós de alguma forma perniciosa. Por esta razão os antigos doutores da igreja freqüentemente exortavam a esse respeito, de que as pessoas do seu tempo, eram viciadas em canções desonestas e vergonhosas, que não sem causa, se referiam a elas chamando-as de venenos mortais e satânicos por corromper o mundo. Além do mais, já que falamos de música, eu a compreendo em duas partes: o que chamamos letra, ou assunto; e segundo, a música, ou melodia. É verdadeiro que toda má palavra (como dizia St. Paulo), corrompe os bons costumes, mas quando a melodia é*

*colocada nela, traspassa o coração muito mais fortemente, e penetra nele, de uma maneira como através de um funil se derrama o vinho num vaso; assim também o veneno e a corrupção é destilado até as profundezas do coração pela melodia.” (MONERGISMO, 2005).*

Para lançarmos as bases de nossa reflexão, precisamos nos lembrar das origens da Escola Bíblica. Poderíamos discorrer sobre o Antigo Testamento e os valores pedagógicos encontrados na lei mosaica, ou no próprio ministério de Jesus, que é o mestre do ensino, da junção do teórico com a prática. Porém, optamos em retornar a 1783, quando segundo Antônio Gilberto é considerado o nascimento da Escola Dominical.

Existia antes disso a música e ensino na igreja? Com toda certeza que sim, mas a proposta Escola Dominical surge por uma necessidade específica. Um certo homem chamado Roberto Raikes, jornalista, na cidade de Gloucester sentiu compaixão das crianças que ficavam desocupadas e jogadas ao léu e resolveu começar uma Escola Dominical com o ensino da Bíblia e princípios de linguagem, aritmética, instrução moral e cívica. (GILBERTO, 1980). Em pouco tempo a iniciativa daquele homem se difundiu pela Europa e toda América do norte.

Mesmo sendo uma característica latente das igrejas históricas possuírem uma Escola Dominical, fica evidente que o que há hoje é processo de repetição, de tradição, não há mais o fogo ardendo no coração, uma motivação como a de Raikes ao iniciar esse projeto maravilhoso.

Hoje está mais do que constatado que a Escola Dominical tem se tornado uma espécie em extinção, muitas igrejas já não adotam essa proposta de ensino, outras a enxergam como sendo algo obsoleto, tudo isso aponta para a necessidade de revitalizarmos essa proposta, de encontrarmos um fator motivador.

Coube-nos a responsabilidade de refletirmos a Escola Dominical e a música, o que consideramos uma tarefa de difícil execução, pois a música tem o seu espaço na vida da igreja, mas quando se trata de Escola Dominical, talvez a música esteja presente apenas nas famosas aberturas, quando se canta um hino, um cântico e depois todos seguem para as classes, são raras as igrejas que desenvolvem um trabalho pedagógico através da música sacra.

Temos uma proposta, a partir do exemplo de Raikes que não ensinava apenas a Bíblia, mas outras matérias e assuntos pertinentes a vida humana. Aritmética se tornava um chamariz para aquelas crianças.

Infelizmente estamos diante de uma problemática, pois em muitas igrejas a Escola Dominical está com seus dias contados, pois somente alguns adultos e muitos idosos freqüentam. Como atingir o jovem, o adolescente e a criança? A música é algo que fascina o coração dessas gerações e dado o seu poder de penetrar o coração, devemos abrir nossa mente para uma aproximação da música com a educação cristã através da Escola Bíblica.

Pode ser que o caminho para fortalecermos a Escola Bíblica seja criarmos cursos de músicas que contenham também o ensino bíblico. Hoje algumas igrejas de nossa denominação possuem Escolas de Música, citamos o exemplo da Catedral Evangélica que possui uma conceituada escola e também a 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Londrina que possui uma escola de música, porém não há nelas esta visão de trabalhar isso como uma maneira de aglutinar pessoas com a finalidade do ensino bíblico, pelo menos não de uma maneira sistematizada e documentada.

A idéia geral seria as igrejas no horário de sua Escola Dominical oferecer cursos de música, talvez utilizando os músicos da igreja com melhor aptidão para o ensino e juntamente com isso, trabalhando temas da vida cristã nesses encontros. Ao utilizar a música como chamariz, ter-se-á uma revitalização de público, pois a música interessa a crianças, adolescentes e jovens, que são o público que menos freqüentam a Escola Dominical. Além disso, pode se utilizar o horário da Escola Dominical em detrimento de instruir a igreja a cerca do louvor e adoração com cursos, temas e ensinar os cristãos sobre o louvor pessoal a Deus.

No livro Como dinamizar sua escola dominical, Maria Lúcia Ovídeo e Sulamita Marques Ferreira dão algumas dicas sobre este segundo aspecto que citamos, elas propõem uma série de estudos sobre louvor pessoal a Deus, também através dos hinos tradicionais, contando a história de cada um deles através de jograis, slides, cartazes, teatros e grupos de louvor, que consiste em encontros nas casas e na própria Escola dominical com a finalidade das pessoas louvarem a Deus (OVIDIO E FERREIRA, 1981).

Para muitas comunidades, congregações e igrejas de nossa denominação pode ser algo inviável, a estruturação de uma proposta como esta, mas cremos que esta na hora de buscarmos alternativas que motivem essa geração a ir aos templos estudar a Bíblia. Pois infelizmente estamos em um contexto, talvez pela chamada pós-modernidade, em que nos vemos obrigados, segundo Perry G. Downs a fazermos as pessoas felizes, a se sentirem bem com aquilo que ensinamos, do que as pessoas através do ensino cristão serem boas e fazerem o bem. (DOWNS, 1994).

Downs se nega a proporcionar isso como educador cristão e compartilhamos do mesmo pensamento, mesmo que soe que ao querermos utilizar a música como chamariz estaríamos apenas preocupados com esse tão preocupante bem estar insaciável das pessoas cristãs desta geração. Vemos a música como uma bela estratégia de alcance e aglutinação.

Sabemos através do Dr. Perry que o propósito da educação cristã e da Escola Bíblica é com toda certeza levar o cristão a maturidade em Jesus Cristo. Isso é muito importante, pois na verdade se utilizarmos uma estratégia como esta, que é a música motivando pessoas a estudarem a Bíblia, essas pessoas serão conduzidas através dos acordes da guitarra a essa maturidade cristã. (DOWNS, 1994) p.16.

Que possamos buscar a iluminação de Deus para assim como esta sugestão, encontrarmos uma maneira de reavivar a chama do ensino através dessa proposta tão interessante que é a Escola Bíblica.

Pela Coroa Real do Salvador!

**Gilbean Francis Aguiar Ferraz**

Formado em Teologia pelo Seminário Teológico  
"Rev. Antonio de Godoy Sobrinho"  
Pastor titular da 2ª IPI de Rio Preto

### **Referências Bibliográficas**

GILBERTO, Antônio. *A Escola Dominical*. Miami, Flórida. Editora Vida. 1980. p.24.

OVIDIO, Maria Lúcia e FERREIRA, Sulamita Marques. *Como Dinamizar sua Escola Dominical*. Associação de Líderes em Educação Cristã (ALEC). São Paulo, 1981. (pp.43-45).

HENDRICKS, Howard. *Ensinando para transformar vidas*. Editora Betânia. Venda Nova, MG, 1991.

DOWNS, Perry. *Introdução à educação cristã - Ensino e crescimento*. Editora Cultura Cristã. São Paulo, 1994. (pp.7-16).

OLIVEIRA, Charles. Benefícios da música na igreja e o perigo do seu mau uso. <http://www.teuministerio.com.br>.

LIEVEN, Guilherme. Música, história e adoração - ritmos e barulhos. <http://www.luteranos.com.br>.

[http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/prefacio\\_salterio\\_genebra\\_calvino.htm](http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/prefacio_salterio_genebra_calvino.htm)